

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE
MESTRADO
Pesquisa e Clínica em Psicanálise

LISIA MARIA FILGUEIRAS RODRIGUES WHEATLEY

“O CORPO DO SUJEITO: ESCUTA SENSÍVEL NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA”.

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Sonia Alberti

Rio de Janeiro, novembro de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**O CORPO DO SUJEITO: ESCUTA SENSÍVEL NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA.**

LÍSIA MARIA FILGUEIRAS RODRIGUES WHEATLEY

“Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicanálise”.

Orientadora: Sonia Alberti

Rio de Janeiro, novembro de 2006

Agradecimentos

A todos aqueles que, de algum modo, estiveram comigo na construção deste trabalho, e especialmente,

a Sonia Alberti, que acolhendo meu tema com incansável disponibilidade e rigor, tornou possível um bom encontro,

ao Luciano Elia, pelas importantes contribuições que generosamente me foram passadas,

a Angélica Bastos, pelas delicadas e precisas orientações que já vem de outros tempos,

a Cristina, por todas as oportunidades e ensinamentos que me proporcionou ao longo desse caminho,

a tia Therezinha, pela revisão carinhosa,

a Liège, amiga de verdade, com quem pude dividir tanto,

a Beth, pelo carinho e pela força, mesmo de longe,

e ainda mais especialmente,

ao meu pai e a minha mãe, que me apresentaram o caminho dos estudos, com preciosa dedicação e amor,

ao Kevin e Alain, meus amados pequenos grandes companheiros de todos os momentos,

e ao Derek, amor de uma vida, por tantas coisas....

SUMÁRIO

▶ Introdução	05
▶ Capítulo 1 - A construção do eu e a imagem do corpo	08
▶ Capítulo 2 - Do corpo pulsional ao eu e ao sujeito	18
▶ Capítulo 3 - A imagem do corpo e sua relação com o real	25
3.1. Introdução.....	25
3.2. Sobre o objeto <i>a</i>	26
3.3. Considerações sobre o <i>Unheimliche</i> a partir de um conto.....	32
▶ Capítulo 4 - O corpo a partir dos registros simbólico e real	36
4.1. Introdução ao corpo simbólico.....	36
4.2. Considerações a partir do “eu corporal” em Freud.....	44
▶ Capítulo 5 – O corpo na clínica psicanalítica	51
5.1. Uma escuta a partir das queixas do corpo – o caso Roberto.....	51
5.2. O caso Joey, de Bruno Bettelheim.....	55
5.3. Algumas considerações sobre o corpo no autismo.....	66
▶ Considerações finais	72
▶ Referências Bibliográficas	76

INTRODUÇÃO

Freud aprende muito cedo com as histéricas que não há como se negar o corpo no discurso de um sujeito, e estabelece desde os primórdios uma concepção de corpo representado, imaginado, que não corresponde ao corpo anatômico e fisiológico. Ao acolher esse corpo histórico, e não tomá-lo como um puro organismo, Freud pode escutar, para além do corpo, o sujeito.

Nessas pacientes, o corpo apresentava sintomas dizendo aquilo que de outro modo parecia não ser permitido dizer. Isto é, tais sintomas não se mostravam ao alcance da cura ou do tratamento propostos pelo saber médico. Se podemos ir um pouco além, o sintoma histórico justamente vinha apontar uma falta no discurso da medicina. A partir do momento em que a Psicanálise descortina os efeitos de um inconsciente sobre o corpo, passa a conferir a este corpo o estatuto de representação no qual a leitura dos sintomas revela a história singular do sujeito.

A vida caminha e com ela o sujeito, que comparece com seu sintoma. Será que as histéricas clássicas se foram com seu tempo? Será que podemos considerar as depressões graves, as anorexias e bulimias, as síndromes do pânico, os transtornos de déficit de atenção como novos sintomas? De todo modo, penso que novos códigos (um código é sempre novo até que seja decifrado) parecem ser impostos pelas doenças trazidas no corpo, que muitas vezes se negam ao deciframento e impõem um desafio aos psicanalistas. Mas não estará mesmo o analista sempre lançado ao desafio?

A palavra é, afinal, a via privilegiada de trabalho para Freud, e é neste caminho que se propõe a tratar de casos em que a medicina tradicional falha. Mas, se o tratamento se faz pela palavra, é preciso entender a estrutura que aí se apresenta. Ao ouvir seus pacientes, Freud traz a importância do significante, e sua supremacia.

É Lacan que tratará mais especificamente de desenvolver a lógica do significante, a partir da leitura em Freud. Não se trata de uma lógica regida pela lingüística de Saussure. O modelo lingüístico de Saussure propõe uma relação arbitrária do signo lingüístico, em que significado e significante se complementam, um correspondendo ao outro. A partir do que postula Lacan, o que se observa é a supremacia do significante, que abre a rede de significados, permite e engendra esta rede.

Em Freud, o inconsciente aparece falando através dos sonhos, dos chistes, dos atos falhos, ou seja, o inconsciente é escutado por ele nisso que o sujeito fala, ainda que afirme não ter intenção de dizer o que disse. Pois se trata, enfim, do sujeito do inconsciente.

Este sujeito descortinado por Freud com a psicanálise é a grande ruptura com o saber então vigente: sujeito do inconsciente, possuído e determinado por esse inconsciente que fala, e que Freud propõe-se a fazer falar.

Ao colocar a questão do sujeito, Freud não está discutindo um dualismo mente/corpo, psicológico/orgânico, trata-se de um sujeito que nasce sob o signo do conflito, constituindo-se sob os efeitos dessa divisão consciente/inconsciente.

Falar de sujeito do inconsciente não deve significar colocar o psiquismo para a esfera do sujeito, restando o corpo como um resto, resto orgânico. Seria isto estar apenas do outro lado de uma prática que visa essencialmente à organicidade, descartando aquilo que é da ordem da subjetividade. Enfim, não está a psicanálise a serviço de um psiquismo desencarnado, de um sujeito sem corpo. Mas é preciso, então, que se fale disso.

O objetivo deste trabalho é estudar as questões acerca do corpo que comparecem cotidianamente em nossa prática clínica. Esta pesquisa se propõe a buscar e estudar conceitos que permitam acolher este “sujeito de corpo e alma”, sujeito dividido certamente, mas divisão que deve ser tomada na dimensão do consciente/inconsciente, e nunca na cisão equivocada psiquismo/corporeidade, que acaba por produzir um sujeito parcial, mutilado.

Esta pesquisa pretende buscar um estatuto positivo do corpo, que agregue concepções visando potencializar a escuta clínica no campo da psicanálise, bem como alargar as possibilidades de diálogo com práticas afins.

As questões suscitadas pelo tema que nos propomos estudar, assim poderiam ser sintetizadas:

- De que corpo se trata na clínica, que fundamentalmente fala?
- Ao operar a partir do significante, que lugar a psicanálise reserva ao corpo e qual a posição do analista diante dele?
- Como conceituar este corpo, a partir do sujeito que fala?

Para desenvolvê-lo, articulamos os seguintes capítulos nesta dissertação:

No capítulo 1, “A construção do eu e a imagem do corpo”, exploramos a apreensão da imagem do corpo considerando o enlaçamento dos registros real, imaginário e simbólico

nos primeiros textos de Lacan, especialmente a partir do experimento do buquê invertido apresentado no *Seminário 1*. Algumas questões se apontam a partir deste capítulo: na psicose, como opera o corte simbólico no corpo? E ainda: de que estamos falando, quando nos referimos ao real do corpo?

No capítulo 2, “Do corpo pulsional ao eu e ao sujeito”, trazemos o conceito de pulsão em Freud, considerando que o corpo pulsional pode subverter a ordem anatômica e fisiológica do organismo, o que pode ser exemplificado nos casos de histeria. Ainda considerando o corpo pulsional como marcado pelo Outro, ou ainda, fundado pelo desejo do Outro, o que o corpo da criança autista pode nos ensinar sobre tal questão?

O capítulo 3 trata da constituição da imagem do corpo, em sua relação com o real, apresentada a partir da concepção de objeto *a*. Para ilustrarmos esta discussão, nos valem ainda de um conto de Guy de Maupassant.

O capítulo 4 se inicia procurando trazer uma distinção entre corpo e organismo, seguindo com as primeiras considerações sobre o corpo tomado em seu registro simbólico, a partir do ensinamento de Lacan. Procuramos tecer articulações entre os registros simbólico, real e imaginário e a concepção trazida por Freud no texto “O eu e o isso”, quanto ao “eu corporal”.

No capítulo 5, apresentamos dois casos clínicos. No primeiro, trazemos uma escuta analítica que se inicia a partir das queixas que se apresentam no corpo. No segundo, apresentamos o caso Joey, um menino de 9 anos que é atendido por Bruno Bettelheim. O corpo “estranho” de Joey fala sobre as relações do psicótico com o Outro.

Capítulo 1 - A construção do eu e a imagem do corpo (Esquema Ótico)

O presente texto pretende tecer considerações a partir do esquema ótico apresentado por Lacan inicialmente no *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*, destacando relações com o complexo de Édipo, a construção do eu e a imagem do corpo.

No *Seminário, livro 1*, Lacan nos apresenta um aparelho ótico, que diz ser um modelo sucedâneo do estádio do espelho. Refere-se à ótica como uma

“ciência engraçada que se esforça para produzir com aparelhos a coisa singular que se chama imagens, à diferença das outras ciências, que introduzem na natureza um recorte, uma dissecação, uma anatomia” (Lacan, 1953-54:92).

Ressalta, ainda, o fato de esta ciência apoiar-se em uma teoria matemática imprescindível à sua estruturação. Destacamos aí a observação de Lacan quanto à base simbólica sobre a qual se fundamenta uma ciência que trata das imagens.

Neste Seminário, Lacan apresenta o experimento do buquê invertido, cuja referência encontra-se em *L'Optique et photométrie dites géométriques*, de Bouasse. Trata-se de uma experiência com as imagens produzidas por um espelho esférico, que se formam à frente do espelho de forma invertida, e se denominam imagens reais. No caso desse experimento (figura 1, em anexo na página 17), há um vaso sobre a mesa e sob esta mesa estão as flores. Acontece que estas flores estão de tal modo colocadas que se oferecem ao reflexo no espelho (cuja imagem é invertida), sem se oferecerem à visão do espectador. Ou seja: as flores, que estavam sob a mesa, de cabeça para baixo em relação ao vaso, são reproduzidas pela imagem, de modo a fornecerem a impressão (trata-se de uma imagem) de que estão dentro do vaso. Isto se dá graças às leis da ótica, sendo que os cruzamentos dos raios não produzem senão uma aproximação, no caso do espelho esférico.

Assim, para que o observador (no experimento representado por um olho) possa apreender essa imagem, é preciso que se situe numa certa posição, ou seja, se estiver situado “num bom campo” verá aparecer um buquê imaginário, que se forma bem no gargalo do vaso. Para Lacan, esse esquema “nos permite ilustrar de uma forma particularmente simples o que resulta da intrincação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica” (idem: 95).

No texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan (1949) trata de que à visão de sua imagem no espelho, na imagem do outro, a criança toma conhecimento de seu corpo como uma totalidade. Ele aponta que tal apreensão do corpo é prematura, em relação ao próprio domínio motor e fisiológico que esta pequena criança ainda não detém. No *Seminário I*, o autor comenta a questão: “a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário de seu corpo, prematuro em relação ao domínio real” (1953-54:96).

Retomando o experimento do buquê invertido, Lacan dirá que a “imagem do corpo, se a situarmos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contem o buquê de flores real. Aí está como podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste” (1953-54:96).

As condições do experimento poderão ser modificadas, ou seja, as flores podem estar em cima e o vaso na parte debaixo da mesa, quer dizer, pode-se tornar imaginário o que é real à vontade, desde que se conserve a relação dos sinais (+ - +) ou (- + -). Neste ponto destacamos estes sinais como representando os próprios registros: simbólico, real, imaginário, pensando ser necessária uma ordem naquilo que se positiva ou se negativa, para que se mantenha diferença, e assim a equação possa valer.

Citando Lacan:

“para que a ilusão se produza, para que se constitua, diante do olho que olha, um mundo em que o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo, situar o imaginário, é preciso que uma condição seja realizada – eu o disse a vocês, o olho deve estar numa certa posição, deve estar no interior do cone” (idem: 97).

Dito de outro modo, para que esta ilusão se produza (no mundo, na vida), para que imaginário e real se articulem, disso depende a posição do olho, ou seja, a posição do sujeito no simbólico. Se este olho não estiver situado na boa posição, “verá as coisas no seu estado real, inteiramente nu, quer dizer, o interior do mecanismo, e um pobre vaso vazio, ou flores isoladas, segundo os casos” (idem: 97).

Estudando o esquema ótico que nos propõe Lacan, recordo-me do caso de uma pequena menina que atendi. Gina é levada ao serviço de Psicologia por sua mãe, que está

preocupada com a filha. O pai desta menina foi assassinado pelos traficantes do morro onde moram, e a mãe teme que este acontecimento traumático venha a prejudicar a menina.

No primeiro dia de atendimento, durante um jogo de palavras, é a vez de Gina contar uma história sobre a palavra ‘jacaré’. Ela conta sobre um passeio ao zoológico com uma amiga: num momento a amiga teve medo do jacaré e o pai (da amiga) a pegou no colo. Durante esse passeio, Gina tirou uma foto, mas só saiu a amiga, e não o pai. Gina estranha e me diz: “ele deve ter se mexido, na hora”.

Poderíamos pensar que esse pai (da amiga) não pode estar presente na foto tirada por Gina, justamente por estar às voltas com o enquadramento de seu próprio pai, pai que bruscamente se foi de sua realidade? Nesse momento, registrar a figura de pai não lhe foi possível. É certamente de um lugar simbólico que Gina o foca, quer dizer, ela o foca para não registrá-lo. Pois, na verdade, é isso o que registra: a ausência do pai. Mas se a fotografia revela isso, nessa história está em cena também outro registro, aquele em que sua fala se situa, quando conta este fato. Não estaria ela querendo então saber sobre que lugar dar a esse pai, quando vem trazendo essa história?

Segundo Lacan, podemos afirmar que a situação do sujeito é determinada pelo lugar que ocupa no simbólico, é isto que acentua quando se refere enfaticamente à “posição do olho”, ao “bom campo”, referindo-se ainda ao lugar do sujeito no mundo da fala (idem: 97). Apresenta-nos, então, fragmentos de um caso atendido por Melanie Klein. Dick, o menino atendido por ela, tem por volta de 4 anos de idade e possui um “vocabulário limitado”, “deforma as palavras”, “a maior parte do tempo as emprega mal, enquanto em outros momentos nos damos conta de que ela conhece o seu sentido”(idem). Melanie Klein caracteriza a atitude dessa criança como apatia, indiferença, porém distinguindo essa impressão da idiotia. Distingue-o ainda das outras crianças neuróticas, notando que Dick não mostra angústia aparente, ou mesmo de forma velada, como explosão, recuo, rigidez ou timidez. “Ela está aí, essa criança, como se nada contasse. Olha Melanie Klein como olharia um móvel”, diz Lacan (idem).

Sobre Dick, Lacan sublinha o caráter uniforme da realidade: “Tudo lhe é igualmente real, igualmente indiferente” (idem:100). E ainda:

“há um esboço de imaginificação, se é que posso dizer isso, do mundo exterior. Nós a temos aí pronta a aflorar, mas está apenas preparada (...) o número de objetos que são

significativos é, para ele, extremamente reduzido, reduzido aos signos mínimos que permitem exprimir o dentro e o fora, o conteúdo e o continente (...) o que não se produz é o jogo livre, a conjunção entre as diferentes formas, imaginária e real, dos objetos” (idem)

Lacan justifica a impossibilidade do “jogo livre” a partir do esquema do buquê invertido, pois no caso de Dick, é como se buquê e vaso não pudessem estar ao mesmo tempo no lugar.

Para Lacan, a “fala não chegou” para o pequeno Dick.

“A linguagem não se colou ao seu sistema imaginário, cujo registro é excessivamente curto – valorização dos trens, dos botões, das portas, do lugar negro. Suas faculdades não de comunicação, mas de expressão, estão limitadas a isso. Para ele, o real e o imaginário são equivalentes” (idem: 102).

Essa criança começa a progredir muito rapidamente, a partir do momento em que Melanie Klein passa a lhe dizer coisas como “Dick pequeno trem, grande trem, pai trem”, ao que a criança começa a brincar com o trenzinho e diz a palavra estação. Quer dizer, nesse momento, alguma coisa pode se produzir, Dick não está num puro deslocamento significante, não salta de um significante ao outro, mas há um imaginário aí que se coloca, quando pode se relacionar trem e estação. Melanie Klein, à palavra estação, lhe reenvia outra palavra: “a estação é a mamãe, Dick entrar na mamãe” (idem: 103).

Segundo Lacan, o que Melanie Klein fez nada mais foi do que “introduzir a verbalização” (idem). Mas ressalta que não se trata de qualquer fala a ser colocada para Dick, pois a terapeuta não lhe oferece qualquer nomeação, mas sim aquela referida ao Édipo: “Ela simbolizou uma relação efetiva, a de um ser nomeado com outro. Ela chapou a simbolização do mito edipiano, para chamá-lo pelo seu nome” (idem). E ainda: “(...) entre a terapeuta e o sujeito, uma verdadeira fala pode ser introduzida. Sem dúvida, não é qualquer uma – é aí que vemos a virtude da situação simbólica do Édipo” (idem: 105).

Lacan vai referir-se a esse caso como um exemplo manifesto de que o inconsciente é o discurso do outro. É a primeira vez que esta afirmação aparece na sua obra. “É o discurso de Melanie Klein que enxerta brutalmente sobre a inércia eu-oica inicial da criança, as primeiras simbolizações da situação edipiana” (idem:103), afirma.

Em relação ao caso Dick, Lacan nos diz ter demonstrado que um sujeito que dispõe dos elementos de linguagem e que tem certa possibilidade de fazer certo número de

deslocamentos imaginários que lhe permitem estruturar o seu mundo, no entanto, pode não estar no mundo real / no mundo exterior. Justifica esta situação porque “as coisas não vieram numa certa ordem”, então “a figura no seu conjunto, está perturbada”, e “não há meio de dar a esse conjunto o menor desenvolvimento” (idem: 105). Podemos pensar que Lacan, ao falar de certa ordem, se refere à instalação da ordem simbólica, necessária para sustentar as relações imaginárias.

Lacan irá acrescentar ao modelo vaso/flores do espelho côncavo, um espelho plano. (figura 2, em anexo na página 17) A presença do espelho plano é importante a fim de garantir que esse olho tenha exatamente a ilusão do vaso invertido, quer dizer, o espelho plano garante que o olho veja “a imagem do vaso contendo o buquê, em condições ótimas” (idem: 147). Nessa experiência, a primeira coisa que a pessoa verá será sua própria cara, lá onde não está (porque se trata da imagem produzida pelo espelho plano, imagem virtual). Em segundo lugar, num ponto simétrico ao ponto onde se encontra a imagem real, verá aparecer a imagem virtual.

Quando Lacan afirma que o espelho plano está ali colocado para que se tenha garantia de ver “em condições ótimas” (idem: 147), podemos pensar que a função de tal espelho plano não é outra senão a função do próprio simbólico, que dá sustentação, nitidez, imprime uma consistência a essa imagem, anteriormente garantida somente pelo espelho côncavo, uma imagem aproximada.

Então, a primeira imagem projetada pelo espelho esférico, Lacan vai situá-la em relação ao primeiro narcisismo. É a partir da introdução do segundo espelho, o plano, que Lacan falará em identificação narcísica, ressaltando que é a identificação ao outro que irá “permitir ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral” (idem: 148). Mais uma vez, quando trata da identificação, está apontando o elemento simbólico que o espelho plano representa.

Trazendo à discussão os conceitos de Ideal de eu e Eu ideal, Lacan conclui que “o sujeito vê seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao *Ich-ideal* (Ideal do eu)”. Relendo o esquema ótico: o sujeito se mira (no espelho) no ideal de eu, por isso este espelho (plano) faz função do outro como lugar simbólico. É através dessa tela (espelho plano), é atravessado por ela (espelho plano) que o eu pode reconhecer-se na imagem do outro, pode projetar-se (sua imagem) numa relação que poderíamos ler como na

projeção de um Eu ideal. Simbólico sustentando o imaginário, Eu ideal projetado na tela do Ideal do eu.

Sobre o eu, Lacan dirá “o eu, o que é? Não são instâncias homogêneas, umas são realidade, outras são imagens, funções imaginárias. O próprio eu é uma delas” (idem:123) .

Sobre a formação do eu, Lacan traz considerações a partir de um menino atendido pela Sra. Lefort. Há um curioso movimento motor realizado por este menino, o qual Lacan ressalta: para pegar um objeto, ele só pode apreendê-lo com um único gesto. Se falha nesse gesto, essa criança precisa recomeçá-lo desde o início, ou seja, se algo faltou no ato iniciado, ele tem que retomá-lo como um todo. Segundo Lacan,

“Podemos dizer que não parece que haja nessa criança déficit nem retardo, dizendo respeito ao sistema piramidal, mas nos encontramos diante de manifestações na falha nas funções de síntese do eu, no sentido em que entendemos o eu na teoria analítica” (idem: 123).

Não pode haver qualquer perda no movimento deste menino –perda advinda do registro simbólico, vale dizer -, ele parece não reconhecer as partes de seu corpo, por isso tem de repetir o movimento como um todo, não é possível partir do ponto em que parou, não é possível qualquer ajuste na apreensão de um objeto que deseje alcançar. Podemos considerar, ainda, que uma construção do eu se faz necessária a partir do imaginário e do real, e o domínio do corpo não se dá de modo imediato. Trata-se de um arranjo onde o registro simbólico tem função de operar uma certa perda, uma quebra que garante a este corpo que ele tenha partes, partes que são unificadas numa imagem, *gestalt* imaginária, assegurada pelo eixo simbólico. No caso atendido pela Sra. Lefort, podemos reconhecer uma *gestalt* do corpo que se fragiliza quando algo falha no movimento deste corpo, que somente se reconhece como unidade total. No campo da psicose, como opera, no corpo, o corte simbólico?

Em *O seminário, livro 3: as psicoses*, Lacan diz que “a ambigüidade, a hiância da relação imaginária exigem alguma coisa que mantenha relação, função e distância. É o sentido mesmo do complexo de Édipo” (1955-56:114).

E ainda:

“O complexo de Édipo quer dizer que a relação imaginária, conflituosa, incestuosa nela mesma, está destinada ao conflito e à ruína. Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro, que seja a imagem de alguma coisa de bem sucedido, o modelo de uma harmonia. Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai” (idem).

No texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’” (1960). Lacan se vale do modelo do esquema ótico para tratar das relações do Eu ideal com o Ideal do eu, modelo este que considera “numa afinidade com os efeitos de refração condicionados pela clivagem entre o simbólico e o imaginário” (Lacan, 1960:679).

Na Fig. 3 (em anexo na página 17), o que se tem é um vaso no interior de uma caixa, que tem projetada sua imagem real, vindo então circundar o buquê de flores, que está em cima da mesa. O vaso vai representar, para o olho que olha, o suporte necessário para que se produza a ilusão, chamada “o vaso invertido”. Para tal ilusão acontecer, há um observador situado em determinada posição, na borda do espelho esférico (conforme a figura), estando situado de tal modo que não possa ver a imagem real, mas possa ver a imagem virtual que um espelho plano pode produzir da imagem real.

Conforme demonstrado na figura, para que o sujeito S veja essa imagem no espelho A bastará que sua própria imagem venha no espaço real situar-se no espaço que delimita a possibilidade da ilusão (campo $x'y'$).

Segundo Lacan:

“Em $i'(a)$, com efeito, não há somente o que o sujeito do modelo espera dela, porém já uma forma do outro em sua pregnância, não menos do que o jogo das relações de imponentia que aí se iniciam, introduz como um princípio de falso domínio e de alienação intrínseca, numa síntese que requer uma adequação bem diferente” (1960:682).

Então, $i'(a)$ é produzida a partir da ilusão da imagem $i(a)$, no começo do modelo, aquela imagem que o espelho côncavo propiciou. A imagem virtual $i'(a)$ decorre de uma subjetivação e isso se dá “pelas vias da auto-condução”, segundo Lacan. Podemos entender essas vias tomando, grosso modo, o espelho esférico como representando alguma função

global do córtex. Retornamos neste ponto ao *Seminário I*, trazendo a citação de Lacan que trata da analogia entre espelho côncavo e córtex : “Vocês me dirão: não somos um olho, o que é esse olho que passeia? A caixa, quer dizer, o próprio corpo de vocês. O buquê são instintos e desejos. Os objetos do desejo que passeiam . E o espelho, o que é? Bem que pode ser o córtex, porque não?” (1953-54:97).

Retornando aos *Escritos*, Lacan (1960) aposta que o modelo ótico também indica, através do vaso que está oculto na caixa, o pouco acesso que o sujeito tem à realidade do corpo, pois essa realidade é perdida por ele em seu interior (1960:682).

Parece-me de especial importância o que Lacan vem dizer quanto ao lugar que designa ao Outro (A) no esquema ótico que propõe:

“Seria um erro acreditarmos que o Outro maiúsculo do discurso possa estar ausente de alguma distância tomada pelo sujeito em sua relação com o outro, que se opõe a ele como o pequeno outro, por ser o da tríade imaginária” (idem: 685).

Lacan destaca a “triangulação” que esse Outro consagra. Essa triangulação se faz presente mesmo na relação especular “em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar” (: 685), ou seja, a criança, mesmo capturada em sua imagem especular num momento único de júbilo, busca um olhar Outro que testemunhe o reconhecimento de sua imagem. Isto quer dizer, concluindo, que não é possível tratar do imaginário sem o simbólico.

Em “*O seminário, livro 10: a angústia*”, Lacan está discorrendo sobre o fato de o sujeito ser de início e primitivamente inconsciente, e por essa razão diz ser preciso considerar, como anterior a constituição, a incidência do significante.

“O que justamente permite a este significante encarnar-se, isto que o permite, é, bem entendido, isto que temos aí para nos presentificarmos uns aos outros, nosso corpo. (...) Este corpo de que se trata, trata-se de entendermos que ele não nos é dado de modo puro e simples no nosso espelho, que, mesmo nesta experiência do espelho, pode chegar um momento onde esta imagem, esta imagem especular que cremos ter se modifica; o que temos a nossa frente, que é nossa estatura, que é nosso rosto, que é nosso par de olhos, deixa surgir a dimensão do nosso próprio olhar, o valor da imagem começa então a mudar, sobretudo se há um momento onde este olhar que aparece no espelho começa a não mais olhar para nós mesmos, *initium*, aura, aurora de um sentimento de estranheza que é a porta sobre a angústia” (Lacan, 1962-3:94).

Neste momento, Lacan está elaborando seu conceito de objeto *a*, tratando-se aqui do objeto olhar, que fura exatamente a consistência da imagem, sendo esta dimensão do olhar uma outra, que não é a dimensão da visão, de que vínhamos falando. Desta citação pretendemos privilegiar a questão da incidência do real na imagem do corpo. Considerando o corpo a partir dos registros real-simbólico-imaginário, e destacando a posição do sujeito no simbólico, pensamos de que modo este corpo se dá à inscrição significativa quando tomamos tal questão em relação às estruturas psíquicas.

A passagem acima, esta do *Seminário 10*, nos remete a um recorte clínico: a de um adolescente cuja hipótese diagnóstica era de psicose. Daniel traz na mão marcas, desenhos que se assemelham a letras, que relata terem sido feitas por ele mesmo, com vidro. Essas marcas dizem respeito às iniciais de seu pai, ele diz. Segundo conta à analista, primeiro foi a inicial do pai biológico, marido de sua mãe, que ele calcou na mão. Depois de um desentendimento com este pai, motivo pelo qual deixou de considerá-lo como pai, ele tatuou por cima da primeira inicial uma outra, a de um outro homem que ele tinha como seu outro pai, “meu pai preto”, é assim que ele o chama. Num dos atendimentos, ele olha para a analista e diz: “sabe, doutora, olho no seu olho e vejo meu pai branco e meu pai preto”, referindo-se ao branco de fundo e a cor da íris, preta. Daniel fala de um corpo marcado por ele, mas não é de qualquer marca que fala. Este símbolo em sua mão, meio desenho meio letra, não é qualquer símbolo: é a marca de seu pai, mas uma marca que precisa ser remarcada, de um pai que também não pode permanecer, sobre a qual ele marca outro (pai). Não é qualquer marca que Daniel produz no corpo (na carne?), mas trata-se de algo que diz respeito ao Nome do Pai, que retorna do real por estar foracluído do simbólico.

ANEXO - FIGURAS

FIGURA 1

FIGURA 2

FIGURA 3

Capítulo 2 - Do corpo pulsional ao eu e ao sujeito

Para falarmos do corpo a partir de uma concepção psicanalítica, será preciso retomarmos o conceito de pulsão, e as concepções acerca da sexualidade e da linguagem. Estaremos tratando de um corpo pulsional, articulado na lógica do significante, constituído a partir da linguagem, a partir de um Outro que primordialmente estará investindo o corpo.

O conceito de pulsão é um dos quatro conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, e vai se contrapor ao que chamamos instinto. Enquanto o animal tem traçadas suas funções por ser determinado pelo instinto, o destino do homem é bem outro, pois sendo regido pela pulsão, não tem determinado ao que se identificará como sujeito, nem mesmo o objeto de suas escolhas sexuadas. Freud nos apresenta a pulsão como uma força que não tem objeto específico, nem mesmo caminho certo. Constante na pulsão é a exigência de trabalho que esta faz ao aparelho psíquico, e, por não possuir um objeto natural, os objetos encontrados apenas podem satisfazê-la parcialmente.

Os quatro elementos da pulsão são assim definidos por Freud (1915): por pressão [*Drang*] compreende-se a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho que a pulsão representa; a finalidade [*Ziel*] da pulsão é sempre a satisfação, obtida ao se eliminar o estado de estimulação na fonte; o objeto [*Objekt*] é aquilo em relação a que ou através do que a pulsão terá atingido sua finalidade; e finalmente por fonte [*Quelle*] da pulsão entende-se a excitação que acontece num órgão ou parte do corpo.

Por ser uma força constante [*konstante Kraft*], a pulsão se caracteriza como um estímulo vindo de dentro do próprio organismo. Esta é a concepção defendida por Freud (1915), que propõe uma distinção simples entre o estímulo externo e a pulsão. Enquanto aquele atua com um impacto único e pode cessar a partir de uma ação específica, a pulsão sempre atua como uma força constante, e jamais na forma de um impacto momentâneo. E assim conclui que, por incidir de dentro do organismo, não há como fugir da pulsão. A distinção de Freud é importante, pois marca que não estamos no registro da necessidade, não se trata de um corpo regido estritamente pelas leis fisiológicas e biológicas. Podemos ainda apreender que não se trata a pulsão com uma ação conveniente.

Lacan (1964) sublinha a distinção precisa do autor, que desde o início de sua obra teria deixado claro e formalizado que na *Trieb* não se trataria da pressão da ordem da

necessidade, tal qual se daria com a fome, *Hunger*, ou a sede, *Durst*. Para Lacan, não há dúvidas de que não se trata do “vivo”, e conclui sobre esse ponto:

“A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida” (idem: 157).

Freud (1910) situa a pulsão como um conceito entre o “anímico e o físico” (1910:159), afirmação também explicitada no texto de 1915:

“a pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (1915[1980]:127).

Ao situar a pulsão em posição fronteira, concordamos com Elia (1995) quando se refere a essa posição “limite”, situando a pulsão como não sendo nem somática, nem psíquica, mas alçando-a a outra ordem. Podemos assim considerar que Freud não substancializa a pulsão, e que ao situá-la em posição fronteira aponta para uma quebra de unidade que se pretenderia total, a unidade psicofísica.

Elia (1995) afirma que o sujeito na psicanálise, por situar-se “no espaço psicofísico explodido pela pulsão” não tem relação com o psíquico ou com o psicológico. A entrada do inconsciente produz uma “divisão insuturável no campo subjetivo”. E conclui: “Pulsão, de um lado, e Inconsciente, de outro, são as duas formas de alteridade radical que constituem o sujeito como dividido” (1995:51).

Ainda em consonância com estas considerações, para Birman (1999), o sujeito em psicanálise não equivale ao sujeito psicofísico, assim como o corpo de que trata a psicanálise não é o corpo/organismo. Ao definir a pulsão como conceito limite entre o psíquico e o somático, Freud fundou a psicanálise como um domínio de saber não redutível à biologia e à psicologia: “Todo esse remanejamento conceitual é fundamental para que se possa conceber a idéia de um corpo tecido na encruzilhada dos destinos pulsionais, constituído pelo campo das pulsões, manifestado, enfim pelas excitações pulsionais” (Birman,1999:31).

Para Freud (1905), a pulsão sexual é resultado de combinação de partes, de forças pulsionais parciais. Em relação às manifestações sexuais infantis, o autor apresenta três características: a noção de apoio, as pulsões parciais e o auto-erotismo. No auto-erotismo, a criança encontra satisfação no próprio corpo, e não num objeto externo – trata-se da pulsão auto-erótica. É o caso, por exemplo, da criança que chupa seu dedo. Nesse ato, a criança estaria buscando um prazer já vivenciado anteriormente, representado por mamar no seio da mãe. Esta pulsão (auto-erótica) estaria, portanto, apoiada na presença daquele que alimenta, a mãe neste caso, pois o seio que traz a sensação do prazer é também o seio que alimenta. Citando Freud:

“No chuchar ou sugar com deleite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto-erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis” (Freud, 1905:172).

Ao definir zona erógena, Freud (1905) diz tratar-se “de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (idem). O autor postula que existem zonas erógenas predestinadas, e o exemplo do chuchar traz os lábios como uma delas, assim como os mamilos e as genitálias seriam também predestinados. Acrescenta que é possível a qualquer outro ponto da pele ou da mucosa fazer as vezes de zona erógena, desde que para isso tenha um certa aptidão. Enfim, uma “capacidade de deslocamento” pode conferir o caráter de erogeneidade a outras zonas. Na histeria, por exemplo, a parte do corpo afetada seria efeito de tal deslocamento. Nessa neurose, o recalque incidiria sobre as partes genitais e estas transmitiriam sua cota de excitação a outras zonas erógenas, que a partir de então passariam a comportar-se como partes genitais. Ainda segundo Freud, qualquer região do corpo poderia receber a excitabilidade de zonas genitais e assim ser promovida à condição de zona erógena.

Ao acrescentar o deslocamento à predestinação, Freud está dizendo que não existe um *a priori*, não existem zonas erógenas naturais. O “deslocamento” acontece a partir de um certo investimento (aí vindo de fora, de uma alteridade), que vai marcar determinada

zona do corpo, passando então, esta outra região do corpo à categoria de uma zona erotizada. Tomemos como exemplo determinadas culturas: em alguns países orientais os pés são muito valorizados, há tribos africanas em que as mulheres alongam seus pescoços com argolas como signo de feminilidade, os índios têm nos lábios ou orelhas furadas e esgarçadas um signo de beleza ou virilidade - diferentes práticas que marcam partes do corpo. Tais zonas do corpo são erotizadas porque a elas é conferido um valor determinado pela cultura local. Freud, ao trazer a idéia de deslocamento, nos diz que o corpo que habitamos não é um corpo natural. O corpo erogeneizado é também um corpo mapeado pelo Outro: num primeiro momento, é a mãe que cuida dele: alimenta, toca, limpa, e assim dá contornos ao corpo do bebê. Em sua origem, o corpo do bebê é um corpo amorfo, que através da função de um Outro, se organiza. Prescindir da presença e da função deste Outro seria admitir um corpo natural, que nos seria dado *a priori*.

Podemos considerar que desde “Projeto para uma psicologia” (1895), Freud já atenta para a relação do sujeito com o Outro. Ele utiliza-se do exemplo da fome para explicitar que, em razão da prematuridade motora do bebê, este necessita de um outro que atente para seu estado e possa satisfazer assim suas necessidade. O bebê, através de choros, esperneios e gritos (descargas motoras), necessitará de alguém que dê sentido a essa pura descarga, e disso dependerá sua própria sobrevivência.

Segundo Freud (1905), determinados distúrbios orgânicos poderiam ser explicados por conta de uma concomitância de funções das zonas erógenas:

“Por exemplo, se o fato de a zona labial ser patrimônio comum de duas funções é a razão por que a ingestão de alimentos gera uma satisfação sexual, esse mesmo fator nos permite compreender que haja distúrbios na nutrição quando as funções erógenas da zona comum são perturbadas” (Freud, 1905:194).

Estamos tratando de um corpo que pode ser afetado em suas funções biológicas, funções que são vitais à sobrevivência do organismo. Mas, afinal, estamos falando de um corpo animado pela pulsão, portanto sujeito a desregramentos.

A complacência somática, característica das histéricas, pode ser traduzida como exemplo de um corpo que ultrapassa o organismo, subverte o biológico. No texto “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica de visão”, de 1910, Freud fornece exemplo de como um corpo complacente parece ultrapassar o próprio organismo. Erotizar

um olho a ponto de cegá-lo é subverter o exercício das funções vitais do corpo biológico, desordenar este corpo como totalidade funcional, como conjunto de órgãos destinados a funções específicas.

Sobre a extrapolação da função biológica do corpo, comenta Nasio (1993) a partir do referido texto de Freud:

“um órgão do corpo que normalmente cumpre sua função fisiológica vê-se, de repente, maciçamente investido pela libido, que assim o transforma no equivalente de um órgão genital. O papel funcional é desviado em prol do papel erógeno. Mas, às vezes, ocorre que a libido se acumula e estagna nele a tal ponto que o órgão é atacado em seu substrato celular. Para descrever esse estado mórbido de um gozar excessivo, Freud empregou a expressão ‘alterações tóxicas’ da substância orgânica, devidas a uma ‘estase da libido’, ou ainda, a uma intensificação da significação erógena do órgão” (Nasio, 1993:154).

É desde muito cedo que Freud se dá conta de que não se trata, certamente, de um corpo puramente biológico na clínica analítica. Ao fazer um estudo comparativo sobre os casos de ocorrência de paralisia histérica e de paralisia cerebral orgânica, o autor demonstra que o psíquico, na verdade, utiliza o corpo, serve-se dele numa lesão histérica. Citando o Freud:

“(…) A histérica ignora a distribuição dos nervos, e é por isso que não simula paralisias periférico-medulares ou paralisias em projeção. Ela toma os órgãos pelo sentido comum, popular, dos nomes que eles têm: a perna é a perna até sua inserção no quadril, o braço é o membro superior tal como aparece visível sob a roupa...” (1893 [1888-1893]: 212).

Esta passagem é relevante porque aponta a força da palavra – “tomar os órgãos pelos nomes que eles têm” – é o que vai decidir tal paralisia. A lesão nas paralisias histéricas deve ser completamente independente da anatomia do sistema nervoso, uma vez que nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou ainda, paralisa ou adocece determinado órgão a partir da anatomia que lhe é conhecida.

Esse corpo que fala, que conta história, somente pode ser assim porque é marcado por um Outro. Para Freud (1914), o eu tem que ser desenvolvido, apesar de tendermos a

considerar que existe uma unidade do eu que nos seria dada desde o início. Segundo ele: “As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (1914[1980]: 84).

Para Elia (1995):

“O narcisismo é assim, um ato, uma ação psíquica, praticada pelo sujeito e que tem como efeito a constituição do eu (assim diferenciado do sujeito) pelo investimento da imagem do corpo pelo Outro materno” (1995:133).

Acentua ainda que, na relação do narcisismo dos pais renascido no bebê, tratar-se-ia de um *affaire* parental: “Deste *affaire* a criança necessita, como sujeito, a fim de construir o seu eu, que é, portanto, a configuração corporal do sujeito” (idem).

Os pais, ocupando o papel dos primeiros a se apresentarem ao pequeno bebê, contornam seu corpo, dando-lhe limites e imprimindo-lhe marcas. Investir um filho é fornecer-lhe uma herança, que pode ser traduzida pelo desejo dos pais – uma série de expectativas, ideais são nele depositados, os pais lhe escolhem um nome e lhe emprestam seus desejos mais íntimos.

Na experiência com crianças autistas tive um impactante encontro com um corpo especialmente estranho. Segundo Couto (1995):

“Uma criança autista nos faz encontrar um corpo que não adoece, que reage muitas vezes como mera máquina de movimentos, que parece não ser sensível à dor, que pode sobreviver às expensas da alimentação, que subverte a lógica anatômica e funcional... um corpo espoliado, corpo dos extremos, que com frequência provoca estranheza e horror” (1995:58).

Essas crianças, que muitas vezes apresentam uma ausência de fala, mas não de linguagem, parecem apresentar-se com corpos que não falam, que não contam história. Poderíamos pensar que ao corpo da criança autista falta um certo contorno, então esse corpo se apresenta de um modo um tanto estranho, de uma forma desregulada, como se algo não tivesse inscrição nesse corpo.

Tomando o investimento do Outro na dimensão da constituição do sujeito, a seguinte questão se coloca para Dieren (1991), que relaciona autismo e melancolia parental:

“no autismo haveria uma ausência de marca corporal pelo significante, o que seria um efeito do fracasso dessa primeira identificação por incorporação. Será que é o lugar da criança na estrutura subjetiva da mãe que provocaria esse fracasso” (Dieren, 1991:80)?

Capítulo 3 - A imagem do corpo e suas relações com o real

3.1 - Introdução

Ao longo de seu trabalho, Lacan trata de aproximar-se de vários campos de saber a fim de deixar claro o território que a psicanálise vem ocupar, demarcando ponto a ponto os conceitos tão caros a esta. Frente ao campo da filosofia, tomando em especial a doutrina de Hegel, afirma que é a presença do inconsciente que permite que se saia do verdadeiro impasse hegeliano. Partindo da afirmação de que o “desejo do homem é o desejo do Outro” (1962-3:31), Lacan ressalta que para Hegel o Outro é aquele que vê, o Outro da consciência, enquanto para a psicanálise, “o Outro existe como inconsciência constituída como tal” (idem: 32). Segundo o autor, o desejo em Hegel não tem outro destino senão a violência, a luta entre consciências. Ainda que possa parecer paradoxal, segundo o próprio Lacan, se há algo em comum entre as formulações do desejo que propõem estes autores, se trata do objeto *a*: pois em ambas é um objeto *a* que se deseja. Ocorre que, na doutrina hegeliana, o sujeito, ao ser reconhecido pelo Outro, ele o é na condição de objeto, fato insuportável por não conseguir suportar-se como objeto, o sujeito permanece marcado pela finitude. Na formulação de objeto que Lacan nos propõe, há a diferença de que a psicanálise não exige a “transparência da *Selbst-bewusstsein*”, e assim, “por causa da existência do inconsciente, podemos ser esse objeto afetado pelo desejo” (idem: 35).

Podemos sintetizar essa questão nas palavras de Elia (2004):

“Lacan afirmou que sua invenção – o objeto *a* – é a condição de possibilidade para que haja sujeito no inconsciente (invenção freudiana), e que é levar em conta esse objeto que permite ultrapassar os impasses hegelianos da luta entre consciências, autoconsciências [*Selbstbewusstseinen*], luta obscena, dita pelo próprio Hegel ‘de puro prestígio’, que faz obstáculo à cena inconsciente, única capaz de levar para outra cena, não mais obscena, a dita luta” (Elia, 2004:30).

Pretendemos trazer aqui algumas considerações quanto ao objeto *a*, tal como nos é apresentado por Lacan em *O seminário, livro X: a angústia*. É preciso tomar esse conceito mais proximamente, uma vez que ele é também um conceito demarcador quando estamos propondo discutir a concepção de corpo em psicanálise, nesse momento, em especial, quando avançamos no estudo do corpo a partir do registro de real, postulado por Lacan.

Destacaremos, ao longo do Seminário em questão, passagens que tratam do objeto *a* e que entendemos como pertinentes à discussão do tema desta pesquisa.

3.2 - Sobre o objeto *a*

Segundo Lacan, o sujeito somente se concebe a partir da introdução primária de um significante, e o significante mais simples é o traço unário, o que o leva a afirmar: “no princípio, era o traço unário” (Lacan, 1962-3:31). É a singularidade do traço que será introduzida no real, e “todos esses sujeitos que dialogam há alguns séculos, afinal, tem que se arranjar como podem com uma certa condição: a de que, justamente, entre eles e o real, existe o campo do significante, porque foi a partir desse aparelho do traço unário que eles se constituíram como sujeitos” (idem: 31).

Lacan nomeia o Outro (A) como aquilo que é anterior a qualquer elaboração ou compreensão, na análise. Afirma que o desejo do homem é o desejo do Outro, sendo que este Outro ali está colocado por mim, mesmo antes de saber o que quer dizer minha relação com meu desejo.

O autor propõe um esquema da divisão, em que de um lado se tem A, representando o Outro como lugar do significante, de outro lado S, sujeito ainda inexistente, pois tem que se situar como determinado pelo significante.

O sujeito, marcado pelo traço unário do significante do campo do Outro, se constitui como \$ (sujeito barrado). Dessa operação, dessa divisão, algo resta do lado do Outro (A), que é designado pela letra *a*. “Esse resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro, é o *a*” (Lacan, 1962-63:36).

Lacan retoma o aparelho que inicialmente propõe em 1960, no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. Trata-se de uma montagem que Lacan introduz a partir do “Experimento do buquê invertido”, de Bouasse, tal como já apresentado no primeiro capítulo da presente dissertação. No texto citado, Lacan ressalta a pregnância do simbólico num modelo óptico que trata da projeção das imagens. Todo o tempo marca a posição do olho (posição do sujeito no simbólico) como sendo determinante para que se tenha uma imagem nítida, além da função primordial do espelho plano, como aquele que irá conferir consistência à imagem real produzida pelo espelho côncavo. Lacan afirma que o

Outro (do discurso) se faz presente na distância tomada pelo sujeito em sua relação com o Outro. Nas suas palavras:

“É que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra essa distância, não o é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava”. (Lacan, 1960:685)

Com esta passagem, marca o registro simbólico como sempre presente, ou seja, não há relação especular que aconteça na ausência do simbólico.

O seminário, livro X: a angústia, Esquema completo pág 48

Em *O seminário, livro X: a angústia*, Lacan avança na análise do aparelho óptico, retomando a relação especular e a relação com o Outro (ver esquema acima). Ressalta que o investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária por ter um limite. Ocorre que nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular, havendo um resto nesta operação. Este resto está relacionado com o falo e a função privilegiada que exerce. Para Lacan: “Isso significa que, em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta” (Lacan, 1962-63:49).

O seminário, livro X: a angústia, Esquema simplificado pág 49

Considerando o esquema simplificado acima, em $i(a)$ temos a imagem real, “imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna” (idem:49). Podemos dizer, então, que na imagem apontada no esquema, o falo está presente como externo a ela, promovendo uma falta na imagem do corpo. Nesse ponto de seu ensinamento, Lacan designa o falo como “reserva operatória”, ou seja, o falo está referido à falta, e se presentifica como “lacuna”, que opera garantindo uma falta na imagem do corpo próprio.

Lacan se utiliza da estrutura do *cross-cap*, que aqui não desenvolveremos, mas citamos como ilustração, pois segundo o autor essa superfície serve para “conceber como o corpo pode instituir nela dois pedaços diferentes, um que pode ter uma imagem especular, outro que literalmente não a tem. Trata-se da relação entre $-\phi$ e a constituição do pequeno a ” (idem:49). O a é o resto, resíduo, objeto cujo estatuto escapa ao estatuto de objeto derivado da imagem especular. Lacan afirma que é esse o objeto a de que se trata, quando Freud fala de objeto a propósito da angústia, mas que o estatuto desse objeto é algo muito particular. Há uma dificuldade por não podermos conceber o objeto a senão através da imagem especular, e segundo Lacan, “trata-se precisamente de instituir uma outra forma de imaginarização (...) na qual se defina esse objeto” (idem: 50). O termo a está justamente referido a “um objeto externo a qualquer definição possível da objetividade” (Lacan, 1962-63:99).

Retomando o esquema, a $i(a)$ que é dada na experiência especular, ela é autenticada pelo Outro (espelho plano, no esquema). A questão é: o que o homem pode ter diante de si nunca é senão a imagem virtual $i'(a)$, daquilo que está representado como $i(a)$. Então, o que o primeiro espelho (o esférico) produz como imagem real é algo a que o homem apenas tem acesso como imagem virtual. Essa imagem virtual, $i'(a)$, entretanto, é pelo homem

apreendida sem nada no gargalo do vaso, que é o *a* que está no gargalo do vaso da imagem real, à esquerda. Ora, o que Lacan então quer demonstrar, é que “O *a*, suporte do desejo na fantasia, não é visível naquilo que constitui para o homem a imagem de seu desejo” (Lacan, 1962-63:51). O *a* existe, mas está situado demasiadamente próximo do homem para ser visto, entretanto é a presença do *a* que é *initium* do desejo.

Segundo Lacan,

“É a partir daí que a imagem *i'(a)* adquire prestígio. (...) No entanto, quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo o que ele faz nesse caminho para se aproximar disso dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular. Quanto mais ele segue, mais quer, no objeto de seu desejo, preservar, manter e proteger o lado intacto do vaso primordial que é a imagem especular. Quanto mais envereda por esse caminho, que muitas vezes é impropriamente chamado de via da perfeição da relação de objeto, mais ele é enganado” (idem: 51).

A angústia surge quando algo, alguma coisa, “uma coisa qualquer”- deixa claro Lacan - aparece no lugar chamado $(-\phi)$, que se situa ao lado direito do esquema e que tem correspondência com o lugar ocupado pelo *a* do objeto do desejo, situado do lado esquerdo. Quando esse algo aí aparece, faz com que a falta passe a faltar.

Para tratar da questão da angústia, Lacan diz ser indispensável se remeter a Freud em seu artigo sobre a *Unheimliche*. É justamente a *Unheimlichkeit* que vem aparecer no lugar de $(-\phi)$, e ocupando este lugar, fazer com que a falta venha a faltar.

Lacan localiza o a , no esquema do espelho, acima do vaso que simboliza o continente narcísico de libido (ver esquema simplificado, pág. 54). Lembremos que esta imagem é a que se forma como imagem real, dada pelo espelho côncavo e a que Lacan designa como imagem primeira, narcísica, antes dela o que se tem é um corpo despedaçado. O “continente narcísico de libido” pode relacionar-se com a imagem do corpo próprio, $i'(a)$ por meio do espelho plano (que representa o Outro, A). Entre este continente, $i(a)$, e $i'(a)$, “se dá a oscilação comunicante que Freud designa como a reversibilidade da libido do corpo próprio para a do objeto” (Lacan, 1962-63:98). O autor aponta que neste movimento de oscilação, algo pode intervir, e essa manifestação se deve à presença desse objeto a , e a angústia é o sinal de sua entrada em cena.

Lacan alerta para o estatuto de objeto que a implica, pois “aquilo que temos de fala mediante o termo a é, justamente, um objeto externo a qualquer definição possível da objetividade” (idem:99).

Temos em $i'(a)$ uma imagem refletida de nós mesmos, imagem esta que é autenticada pelo Outro. Ocorre que essa imagem é “problemática” e até mesmo “falaciosa”, nas palavras de Lacan, pois ela convoca algo que não pode aparecer, sendo justamente por isto que garante a manutenção do desejo, ocupando uma função de captá-lo, desde que mantida uma relação aí de ausência. Ausência aqui entendida como possibilidade de que uma presença se dê em outro lugar. “Tal presença comanda isso muito de perto, mas o faz de onde é inapreensível para o sujeito (...) a presença em questão é a do a , o objeto na função que ele exerce na fantasia” (Lacan, 1962-63:55).

O sinal $(-\phi)$ é indicador do lugar onde algo pode surgir. Esse lugar indica a relação com “algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irredutível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, do gozo autista” (idem:55). Este lugar indica uma “reserva libidinal”, que servirá como alimento na relação com o outro, na constituição do outro a partir da imagem do semelhante.

Nesse lugar, em $(-\phi)$, pode vir a se dar a angústia, aqui angústia de castração. É a forma da castração em sua estrutura imaginária que se dá em $(-\phi)$, quando diante da aproximação da imagem libidinal do semelhante se produz uma “fratura”.

Lacan relaciona o fenômeno da *Unheimliche* com o aparecimento da angústia, em $(-\phi)$, conforme já assinalara. Ocorre que Freud vem a definir em seu estudo que o *Unheimlich* nada mais é do que o próprio *heimlich*. O estranho é também o mais próximo, é isso que Freud nos diz. Lacan conclui: “este lugar designado da última vez como o *menos-phi*, agora o chamaremos por seu nome – é isso que se chama *Heim*” (Lacan, 1962-63:57).

Correlacionando tal questão com a função da fantasia, Lacan vem afirmar que existe algo da ordem do *a* que surge acima da imagem *i'(a)* (acompanhando ainda o esquema simplificado), o lugar de $(-\phi)$, já nomeando o lugar do *heim* e que é o lugar do aparecimento da angústia. A fantasia do neurótico lhe serve para encobrir a angústia, sendo assim possível se defender dela. O caso, ironiza Lacan, é que “esse objeto *a* que o neurótico se leva a ser em sua fantasia cai-lhe tão mal quanto polainas num coelho. É por isso que o neurótico nunca faz grande coisa com sua fantasia” (idem:60).

Lacan retoma o aparelho óptico, fazendo uma comparação com a estrutura da angústia e os limites do espelho. Alerta para o fascínio que o espelho provoca, acabando por nos fazer esquecer que ele tem limites, assim como também a angústia se estrutura de forma “enquadrada”. Assim é que o *Unheimliche*, incluindo todas as traduções que comporta (horrorível, suspeito, inquietante), “apresenta-se através de clarabóias”, segundo Lacan. É na relação da cena com o mundo que aparece aquilo que é estranho e ao mesmo tempo tão conhecido, aquilo que no mundo “não pode ser dito”. Resume Lacan: “A angústia é quando aparece nesse enquadramento o que já estava ali, muito mais perto, em casa, *Heim*. (...) É o surgimento do *heimlich* no quadro que representa o fenômeno da angústia, e é por isso que constitui um erro dizer que a angústia é sem objeto” (Lacan, idem:87).

Mesmo quando diante do espelho nos deparamos com nossa imagem, que nos informa quanto a nossa altura, nossas medidas, nosso rosto, enfim, há um momento em que tal imagem nos escapa. É na dimensão de nosso próprio olhar que esta fuga se dá, pois quando aparece no espelho, a dimensão de nosso olhar “o valor da imagem começa a se modificar – sobretudo quando há um momento em que o olhar que aparece no espelho começa a não mais olhar para nós mesmos” (Lacan, 1962-63:100) Esta passagem ilustra o momento de estranheza que nos invade, “porta aberta para angústia”.

Há, nesse ponto, uma passagem: a imagem que se vê no espelho, ganha uma dimensão que escapa àquele que olha, ganhando uma idéia de duplo, tema tão explorado pela literatura e pelas artes de um modo geral.

Interessa-nos apontar que “o real que invade o imaginário fura a *Gestalt* e, por isso, provoca a angústia, velada pelo sujeito em suas fantasias a respeito do que pode acontecer na relação com o Outro” (Alberti, 2004:7).

3.3 – Considerações sobre o *Unheimliche* a partir de um conto

Encontramos na literatura um conto de Maupassant que trata do estranho desconhecido de que vimos falando. No conto “O Horla”, o protagonista relata seu desespero e agonia diante de algo que não se mostra visível aos olhos, mas que é pressentido durante todo o tempo. Acometido de início por uma febre, e tendo sido apoderado de um sentimento de grande tristeza, o protagonista se pergunta: “De onde vêm essas influências misteriosas que transformam em desânimo a nossa felicidade e a nossa confiança em angústia? Dir-se-ia que o ar, o ar invisível, está cheio de potências incognoscíveis, de cuja misteriosa vizinhança sofremos a influência” (Maupassant, 1887:86). Em sua pergunta, introduz a dimensão do desconhecido, mas que é também um desconhecido muito próximo. Seu estado de desânimo se agrava, e ele se sente cercado por algum ser de outro mundo talvez, um ser que não lhe dá descanso, do qual sente a presença opressora. Alguém bebe a água que deixa à noite na cômoda do quarto, serve-se de seu leite, líquidos que misteriosamente alguém que não ele, bebeu, alguém que se encontra presente tanto no jardim quanto no inteiro da casa.

Em outro conto, intitulado “Carta de um Louco”, Guy de Maupassant já introduz as questões que irão culminar com a história do misterioso ser de “O Horla”, quando o narrador se pergunta: “E esse terror confuso do Sobrenatural que habita o homem desde o nascimento do mundo é legítimo, pois não é outra coisa senão aquilo que nos permanece oculto” (idem, 188:59).

Isto que permanece oculto é representado por algo que não tem matéria, concretude ou corporeidade, quer dizer algo que não constitui imagem:

“Tudo é um ser. O grito que atravessa o ar é um ser comparável ao animal, porque nasce, produz um movimento e transforma-se novamente para morrer. Ora, o espírito receoso que acredita em seres incorporais não está enganado, então. Quem são eles?” (idem:59).

Em “Carta de um Louco”, o paciente escreve a seu médico expondo seu estado de espírito, afirmando ser perseguido por alucinações e sofrimentos freqüentes, solicitando que o médico avalie se não é o caso de interná-lo para tratamento numa casa de saúde. O discurso que se segue revela a lucidez da loucura, uma percepção de mundo de tal modo nítida, crua e desnudada, que passa a ser insuportável para aquele que a experimenta. Ciente de que o ser humano somente é capaz de afirmar como conhecido aquilo que é apreendido pelos seus sentidos, que são apenas cinco, e que mesmo essa percepção é limitada porque modelada pelos valores que esses sentidos traduzem, o narrador conclui: “Enganamo-nos, pois, julgando o Conhecido, e estamos cercados pelo Desconhecido inexplorado. Logo, tudo é incerto e apreciável de maneiras diferentes. Tudo é falso. Tudo é possível, tudo é duvidoso” (idem:58). E ainda:

“Verdade sobre a Terra, erro mais além, donde concludo que os mistérios entrevistos como a eletricidade, o sono hipnótico, a transmissão da vontade, a sugestão, todos os fenômenos magnéticos, só nos permanecem ocultos porque a Natureza não nos fornece o órgão ou os órgãos necessários para compreendê-los” (idem).

Maupassant trata, nesses textos, daquilo que o simbólico não apreende, do que fica de fora, apresentado como o horror do desconhecido. Em “Carta de um Louco” anuncia a questão do estranho, mas é no “O Horla” que esse desconhecido se apresenta como um Ser que vai se apoderar do espírito do protagonista, levando-o a um estado de permanente desassossego e agonia, na certeza de estar às voltas com um estranho ser cujas formas não pode perceber, que se alimenta de coisas líquidas, que é incorpóreo, e que lhe resta pensar que se trata mesmo de um ser de outro planeta.

É especialmente interessante o momento em que o protagonista tem a certeza de que está diante de tal ser. Este momento é delicadamente apresentado numa cena, num enquadramento que o espelho permite.

Em “Carta de um Louco”, o autor descreve sentir “como se um fluido irresistível tivesse penetrado em mim por todas as partes do meu corpo, mergulhando a minha alma

num terror atroz” (idem:60). Ele de pronto se levanta e, diante do espelho, estando em plena luz do dia, não é capaz de enxergar sua imagem. O espelho se lhe mostra claro, vazio e cheio de luz. Recorramos à descrição precisa que faz desse momento:

“Minha imagem não estava lá... e eu estava diante dele! Eu via de alto a baixo o grande vidro límpido. E olhava para aquilo com um olhar alucinado; e não ousava mais avançar, não ousava mais fazer qualquer movimento, sentindo, no entanto, que ele estava lá, mas eu me escaparia de novo, ele, cujo corpo imperceptível havia devorado o meu reflexo” (Maupassant, 1887:116).

Lentamente essa imagem vem aparecendo ao fundo do espelho, como se um eclipse houvesse se dado: “O que me ocultava não parecia possuir contornos claramente definidos, mas uma espécie de transparência opaca que ia clareando pouco a pouco. Eu o tinha visto” (idem:117)

Podemos aproximar esse Ser incorpóreo, invisível, mas que todo o tempo ali se encontra como a ilustração do real, daquilo que não apreendemos. O curioso é que Maupassant ilustra como sendo o único modo de aparecimento pelo apagamento da imagem daquele que se vê tomado por ele. Jean, protagonista em questão, descreve um devoramento de seu próprio reflexo por aquele Ser de corpo imperceptível. É a nível da imagem que essa apreensão se dá, pela sua forma negativa. Ou seja, esse Ser incorpóreo se faz presente quando não permite que a imagem do corpo próprio se constitua. Nos servimos das histórias de Maupassant a fim de tratarmos do Real como aquele que fura o Imaginário e ainda na constituição da imagem do corpo em sua relação com o Simbólico, aqui representado pelo espelho.

Pensamos em aproximar o momento da aparição do Horla – quando Jean não pode apreciar seu reflexo porque este se encontra eclipsado pelo Ser incorpóreo – dos esquemas dos espelho, explorado por Lacan. Porque algo se interpõe entre $i(a)$ e o espelho plano, não seria possível apreender a imagem virtual, e o apagamento de $i'(a)$ seria proporcionado pela presença de algo absolutamente invisível e incorpóreo, que somente poderia ser captado de forma fugidia, de uma forma que escapa à compreensão que se tem disponível pelos sentidos humanos. É pela ausência da imagem do corpo que a presença desse algo se faz verdadeira.

Por outro lado, é preciso levar em conta que, no conto em questão, trata-se de uma experiência da ordem da psicose. Citemos Lacan, em rápida alusão ao conto de Maupassant, em *O seminário, livro X: a angústia* :

“Quando a relação que se estabelece com a imagem especular é tal que o sujeito fica demasiadamente cativo da imagem para que esse movimento seja possível, é porque a relação dual pura o despoja de sua relação com o grande Outro. O sentimento de desapossamento, aliás, tem sido bastante marcado pelos clínicos da psicose. A especularização é estranha nele, *odd*, como dizem os ingleses, ímpar, fora de simetria. É o *Horla*, de Maupassant, o fora-do-espaço, na medida em que o espaço é a dimensão do superponível” (Lacan, 1962-63:135).

Assim, numa leitura mais apurada, poderíamos considerar que no apagamento da imagem justamente o que está em questão é a presença do próprio espelho plano, representante da ordem simbólica. É o simbólico o registro que vai garantir que, na constituição da imagem especular, uma referência a um elemento externo, o falo, salve o sujeito da pura relação dual.

Jean, ao longo de sua narrativa, descreve o sentimento de ter sua alma, seu espírito, tomado pela presença de um Ser desconhecido, e a história culmina com um devoramento de sua própria imagem, que aqui podemos tomar como representação de seu corpo libidinal, imagem narcísica vítima de um eclipse, eclipse também do sujeito.

Capítulo 4 - O corpo a partir dos registros simbólico e real

4.1 - Introdução ao Corpo Simbólico

“É sempre com a ajuda de palavras que o homem pensa. E é no encontro dessas palavras com o seu corpo que alguma coisa se esboça. Aliás, eu ousaria empregar, a esse respeito, o termo *inato* – se não houvesse palavras, de que o homem poderia testemunhar? É aí que ele coloca o sentido” (Lacan, 1975:9).

Para tratarmos do corpo em psicanálise é preciso cuidar de distingui-lo do organismo. Para tomarmos um modo de distinguir corpo e organismo, seguiremos com Elia (1995) quanto às diferentes lógicas que encontramos na psicologia e na psicanálise. Na concepção psicológica, somos considerados como indivíduos, unidades integradas que congregam funções físicas e funções psíquicas. Nessa concepção, a personalidade é entendida como espécie de função integradora das funções superiores, sem que haja qualquer oposição ou descontinuidade entre tais funções e o organismo que as sustenta. O corpo pode ser traduzido por um

“Conjunto de sistemas, aparelhos e órgãos que respondem por funções que lhes são respectivas, e que, na perspectiva de uma integração solidária e harmoniosa com o todo em que consiste o indivíduo, suportam as funções superiores, as funções psíquicas: cognitivas, volitivas e afetivas” (Elia, 1995:27).

Ainda segundo o autor, é esse indivíduo, tomado em sua positividade, que é o objeto da psicologia – seja ela da aprendizagem, do desenvolvimento ou da personalidade. No entanto, o sujeito da psicanálise não corresponde ao indivíduo da psicologia. Enquanto esta opera com a lógica formal de termos, aquela opera com a lógica do significante. Na lógica do significante, importam os arranjos de elementos, quer dizer, o modo como estão organizados na estrutura, as posições de cada elemento em relação aos outros, independentemente de sua natureza ou conteúdo. As posições que cada elemento vem a ocupar são lugares que assumem valor de ‘traços simbólicos’.

Na lógica de termos em que se apóia a psicologia, trata-se de uma relação entre indivíduos, relação binária, dual. Podemos situar aí o registro imaginário de que trata Lacan. Na lógica do significante, tal como Lacan a utiliza no seu retorno a Freud, a relação

que determina o sujeito é quaternária – as articulações se dão entre os lugares: sujeito, Outro (inconsciente), eu (sujeito imaginário) e outro (semelhante).

Ainda segundo Elia, com Freud:

“A postulação do conceito de inconsciente é o ato pelo qual divide o que até então era indivisível; divide o in-divíduo, porquanto o inconsciente é precisamente a enunciação de uma impossibilidade radical, dada ao sujeito por estrutura, de ser uno: é um outro lugar psíquico, uma outra cena, *ein anderer Schauplatz*” (idem:41).

Utilizei-me da exposição acima a fim de deixarmos bem claro a que lógica estaria submetida a concepção de corpo na psicanálise, não se tratando em absoluto de *corpo + psiquismo*.

Colette Soler (1983) parte de uma primeira proposição: “*el cuerpo es una realidad*” (1983: 94). Ela nos lembra que, a partir de Freud, a realidade não é o real bruto, uma vez que o inconsciente nos obriga a supor que a realidade não é um dado primário. Ou seja, afirmar que o corpo é uma realidade implica dizer que também o corpo não é primário, não se nasce com um corpo. Para Soler, Lacan desenvolveu amplamente este ponto em seu ensino: “*Debemos distinguir entre el organismo, lo viviente, y aquello a lo que se denomina cuerpo. Este punto es una constante en la enseñanza de J. Lacan*” (idem: 96). Segundo a autora, a realidade tem um estatuto de construção secundária por ser habitada pelas relações que portam a estrutura significante. Assim, aponta uma distinção na doutrina de Lacan: de um lado temos o organismo / o vivente, e de outra o que a linguagem designa como corpo. Inicialmente é a partir da imagem que Lacan aborda a idéia de corpo - no período que antecede o Discurso de Roma (1953), o autor considera que para haver um corpo é necessário um organismo vivo mais uma imagem.

Nas palavras de Lacan (1949): “A função do estádio do espelho revela-se, para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenvelt* com o *Umwelt*” (1949[1998]: 100). E ainda:

“Mas essa relação com a natureza é alterada, no homem, por uma certa deiscência do organismo em seu seio, por uma Discórdia primordial que é traída pelos sinais de mal-estar e falta de coordenação motora dos meses neonatais. A noção objetiva do inacabamento anatômico do sistema piramidal, bem como de certos resíduos humorais do organismo

materno, confirma a visão que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica do nascimento no homem” (idem).

Na apreensão da imagem que a criança vê no espelho, ela vivencia um sentimento de unidade corporal, que lhe traz satisfação, sensação oposta ao estado de mal-estar referida à prematuração do organismo. Segundo Lacan, em função da completude especular que obtém diante de sua imagem no espelho, a criança experimenta, em forma de júbilo, uma grande satisfação. Podemos considerar o imaginário como o registro que opera uma espécie de montagem, que faz de um organismo fragmentado um corpo unificado, que assim se oferta ao amor e ganha valor libidinal.

Miller (1999) nos chama a atenção para o traço que está colocado na satisfação da criança, pois ela se situaria no que Lacan chama de um *déhiscence* vital constitutiva do homem. Este é um termo técnico, vem da biologia e se refere aos fenômenos de abertura do corpo, como, por exemplo, de abertura de um fruto. Aponta o sentido da *déhiscence* em seu caráter de incompletude, de falta, deslocamento. No uso deste termo estaria implicada a noção de que o organismo humano não está correlacionado com um meio que lhe seja pré-formado. Para Miller, “este júbilo não é uma satisfação de uma completude natural, mas uma satisfação ancorada numa falta estabelecida sobre uma discordância” (Miller, 1999:29).

Ainda considerando Miller, se para o animal há identificação entre ser e o corpo, assim não acontece para a espécie humana. É porque o corpo tem estatuto de corpo falante que o “corpo não avulta do ser, mas do ter” (idem:13), afirmação que ratifica o que nos diz Lacan no *Seminário 2*.

Lacan (1954-55) coloca acento na fórmula “o homem tem um corpo” (1954-55: 97), discorrendo sobre a estranheza que esse fato provoca no homem, e tomando como inútil qualquer declaração que se faça à “unidade do ser humano”. Esta unidade é perdida, e o que se tem é uma divisão: “a divisão está feita de vez” (idem), afirmação que nos coloca a pensar que há uma espécie de trabalho a ser feito com este corpo, que não nasce pronto ou dominado, mas que é, ele próprio, alteridade.

Ainda seguindo com Lacan neste *Seminário*, o médico, em relação ao corpo, se colocaria como um homem que desmonta uma máquina. Freud assim também teria se portado, ao trabalhar a partir de uma fisiologia anatômica, a fim de descobrir para que serve o “aparelhinho complicado” que se acha encarnado no sistema nervoso. Lacan destaca que

a perspectiva de “decompor a unidade do vivente” (idem: 97) traz algo de perturbador e mesmo escandaloso, provocando reações que tendem a restabelecer a unidade do indivíduo, e que muitos gostariam de retornar a uma “harmonia preestabelecida”, a uma “natureza benevolente” (idem). Quando Lacan enfatiza que Freud teria se portado, em relação ao corpo, de modo similar ao homem que desmonta uma máquina, entendemos que deseje enfatizar que desde sempre Freud está às voltas com o simbólico.

Ainda quanto à questão do corpo como máquina, Lacan chama a atenção que o que se privilegia aí é o modo como se abordou a questão – uma vez que admite ser altamente provável que o corpo não seja uma máquina. Mais uma vez, o autor ressalta o registro simbólico na concepção do corpo, sendo a máquina uma construção somente possível ao se valer o homem do mundo simbólico.

O autor deixa claro de que “peças” se constitui o corpo:

“Explico-lhes que é na medida em que ele está enfiado num jogo de símbolos, num mundo simbólico, que o homem é um sujeito descentrado. Pois bem, é com este mesmo jogo, com este mesmo mundo, que a máquina é construída. As mais complicadas máquinas são feitas apenas com falas” (Lacan, 1954-55: 66).

Aqui podemos reconhecer o simbólico como aquele que faz funcionar, mas também aquele que descentra.

Vale ressaltar que no *Seminário* em questão, o simbólico tem um caráter de permissão, de possibilidade de entrada do sujeito no mundo. Para exemplificar, Lacan (1954-55) se utiliza diversas vezes do exemplo da senha. A senha é uma palavra que se usa como objeto de troca, que serve para que a gente possa ser reconhecida, e se não falamos a palavra certa, estaremos sujeitos “a quebrar a cara” ou algo do gênero. O autor traz a senha como a palavra certa, palavra esvaziada de sentido, porém a única a permitir o acesso do sujeito – trata-se do valor primordial do simbólico pontuado por Lacan, neste momento de seu ensino.

Se Lacan aborda a questão do corpo inicialmente pela imagem, segundo Soler (1983) ele não se reteve a esta tese. Reconhecendo nas formações do inconsciente descritas por Freud (lapsos, chistes, atos falhos e sonhos) os mecanismos do significante, Lacan veio atribuir a fragmentação das representações do corpo não mais à prematuração, simplesmente, mas ao efeito da própria linguagem. A coesão do ser vivo/organismo vivo

opõe-se ao corpo despedaçado que a linguagem dá ao ser falante e esse ser falante tem unidade vinda do “UM” que o significante promove. A consistência do corpo é dada pelo imaginário – espécie de prótese que na verdade é garantida pelo simbólico, que fornece apoio necessário à sua sustentação.

Freud (1915) nos traz o exemplo da moça que chega a uma clínica queixando-se de que seus olhos estavam tortos, sendo que tal fato se dá após uma discussão com o namorado. A moça dizia não conseguir compreender o namorado, que lhe parecia a cada momento diferente, um “hipócrita”, “um entortador de olhos” (em alemão, o termo *‘Augenverdreher’* tem o sentido figurado de enganador, segundo nota de tradução), e por isso “agora ela tinha os olhos tortos; não eram mais os olhos dela; agora via o mundo com olhos diferentes” (Freud, 1915:202). Em outro relato, a paciente conta que se encontrava de pé na igreja quando subitamente sentiu um solavanco, e por isso teve que “mudar de posição, como se alguém a estivesse pondo numa posição, como se ela estivesse sendo posta numa posição”(idem:203). Este relato se associa a novas acusações contra o namorado, pois este era uma pessoa vulgar e acabara por fazê-la também uma pessoa vulgar. Ele a fizera igual a ele, “ele a pusera numa falsa posição” (idem).

O fato de o namorado colocá-la em “falsa posição” tem efeito na realidade, e ela própria experimenta seu corpo sofrendo um movimento físico, que acontece efetivamente, assim como são seus próprios olhos que se alteram, diante de um “entortador de olhos”. Não existe possibilidade de que as palavras adquiram sentido figurado.

Freud sublinha que, na esquizofrenia, há uma “predominância do que tem a ver com as palavras sobre o que tem a ver com as coisas” (idem: 205). E ainda, que “o que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las” (idem).

A partir de Lacan, podemos considerar que há um retorno, no real, daquilo que é dito. O significante incide diretamente no corpo da moça, tornando tortos seus próprios olhos, assim como é também seu corpo que se mexe, quando o namorado a coloca numa posição diferente. Como se diz no senso comum, as coisas são tomadas ao pé-da-letra, não se dá a possibilidade de que outro sentido figure, ou ainda, de que se tenha um sentido figurado. O significante não se submete ao contexto, a palavra permanece aprisionada num

único sentido, sem jogo-de-cintura. O significante manda, e no caso do esquizofrênico, pode ser muito comum que seja com seu corpo que ele obedeça.

Antonio Quinet (2004) afirma que a marca significante é suporte da relação do sujeito com o significante. A relação do sujeito com esse significante primordial é corporificada por meio dessa marca. O corpo sustenta o sujeito, e, portanto, tem de sustentar também a relação do sujeito com o Outro.

Segundo o autor, na esquizofrenia o sujeito se apresenta numa verdadeira dispersão do simbólico, e corpo e sujeito tendem a se dispersar. Os fenômenos observados na esquizofrenia testemunham, assim,

“O esforço constante para constituir uma marca no corpo que sustente a relação com o Outro do simbólico. Ela é o suporte da relação do sujeito com o Outro do delírio, como os nervos de Schreber, que estavam ligados aos raios divinos de diversas formas. Por meio de seus olhos, por exemplo, Deus via o mundo” (2004:64).

Segundo Soler (1983), o corpo que nos oferece o simbólico também o marca, e o efeito da marca, para Lacan, é de despedaçamento. Estamos acostumados a considerar o despedaçamento em sua face negativa, pensando um corpo despedaçado como um corpo que sofre, mas esse é um aspecto parcial, pois o despedaçamento também implica que a linguagem nos atribui os órgãos. Dito de outra forma, o corpo que funciona é o corpo despedaçado. No metabolismo do organismo, é a linguagem que isola os órgãos e lhes dá uma função. O despedaçamento que se considera uma “desgraça da imagem” é, pois, correlativo à construção funcional do corpo significante.

A partir do ensinamento de Lacan, podemos considerar que existe um Outro corpo, o verdadeiro, o primeiro que nos dá um outro corpo: a linguagem. No texto “Função e Campo da fala e da Linguagem” (1953), o autor aborda claramente o laço entre fala-linguagem e corpo:

“A fala, com efeito, é um dom de linguagem e a linguagem não é imaterial. Ela é corpo sutil, mas ela é corpo. As palavras são tomadas em todas as imagens corporais que capturam o sujeito; elas podem engravidar a histérica, podem se identificar ao objeto da demanda do pênis, podem representar o fluxo de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento” (Lacan, 1953:302).

Entre os casos atendidos por Freud, encontramos uma moça que tem suas pernas paralisadas, ela não consegue andar. Freud considera que ali algo reside, na forma de uma paralisia histérica, ou seja, há um sintoma que fala através do corpo. Ao revelar fatos de sua vida, ela conta que se apaixonara perdidamente por um rapaz, e por conta de tamanha paixão, vem a temer “dar um mau passo”, que significa engravidar, na expressão da língua. Esse “mau passo” toma uma concretude tal que ela necessita paralisar o corpo a fim de evitá-lo. O “peso” do significante passa a incidir diretamente no corpo, corpo este situado na história libidinal do sujeito.

Como sujeitos do significante, estamos separados do corpo. O sujeito está efetivamente na palavra antes de ter um corpo, quer dizer, antes mesmo de nascer e permanece mesmo depois de não mais habitar um corpo vivo, isto é, depois da morte.

A duração do sujeito, por estar sustentado pelo significante, excede a temporalidade do corpo. Lacan (1959-60) fala da “margem mais além da vida”, margem esta somente permitida pela linguagem. Segundo Miller (1999): “o que é específico do homem é durar, não sob a forma de moléculas, mas de significantes” (Miller, 1999:15).

Em “Radiofonia” (1970), Lacan chega mesmo a afirmar que “para o corpo, é secundário que esteja vivo ou morto”. O ato do sepultamento traduz-se, assim, numa prática significante, uma forma de embalsamar o corpo que permite fazê-lo sobreviver depois da vida.

A luta de Antígona, heroína da literatura, bem demonstra o sepultamento em sua função simbólica. Ela desafia a ordem imposta por Creonte à cidade, de que ninguém teria permissão de enterrar Polinices, sob pena de ser condenado à morte. Podemos entender a sepultura como a garantia do sentido humano, impedindo que Polinices seja reduzido a simples coisa, condenado a transformar-se em pura carniça. Antígona desafia a lei imposta por Creonte, em nome de uma lei maior - a lei a que todos estão submetidos, a lei que está acima do bem e do mal, acima do juízo de qualquer homem, que garante o sepultamento aos corpos humanos. Assim, o que luta para preservar está para além de um corpo de carne e osso, mas a sepultura encarna a ordem simbólica, dando o direito a que este corpo, sepultado, garanta, por sua vez, a existência de um sujeito no tempo e na história. Segundo Lacan, a heroína representa uma posição radical, ela visa manter o “valor do ser” de seu

irmão, e isto está além do que ele tenha realizado em vida, além do fato de ter estado do lado do bem ou do mal. Em relação ao ‘valor do ser’, esclarece Lacan:

“esse valor é essencialmente de linguagem. Fora da linguagem, ela nem mesmo poderia ser concebida, e o ser daquele que viveu não poderia ser assim destacado de tudo o que ele veiculou como bem e como mal, como destino, como consequência para os outros, e como sentimentos para si mesmo” (Lacan, 1959-60: 338).

Segundo Miller (1999), Antígona vem todo o tempo afirmar que o vivo humano tem direito à sepultura, isto porque permanece como significante, para além da morte biológica. Não se trata de saber se o irmão foi bom ou mau, inocente ou culpado, mas importa que ele foi “sujeito do significante”. Segundo Miller: “Antígona é o sujeito que visa ao puro S1 do sujeito, quer dizer, visa-lhe, simplesmente, em seu ‘foi’” (Miller, 1999:25). O significante situa-se numa dimensão de lei que é de outra ordem, para não parecer presunçoso dizermos que está acima do bem e do mal.

Para Lacan (1955-56), o simbólico pode ser tomado aqui como o registro que garante a condição humana, uma vez que consideramos pertencer à ordem humana o esqueleto que encontramos numa sepultura. É preciso que uma ordem simbólica tenha sido instaurada a fim de garantir ao sujeito um lugar na ordem social, é isto o que está indicado nas lápides dos túmulos. Segundo o autor: “O fato de que ele se chamou Fulano ultrapassa em si sua existência vital. Isto não supõe nenhuma crença na imortalidade da alma, mas simplesmente que seu nome nada tem a ver com sua existência viva, ele a ultrapassa e se perpetua além” (Lacan, 1955-56: 115). E ainda, para que não se tenham dúvidas, conclui “vocês devem em primeiro lugar ter esse esquema na cabeça, que admite que a ordem simbólica subsiste como tal fora do sujeito, distinta de sua existência, e o determinando” (idem:115).

Muitos anos depois, em RSI (aula de 10/12/1974), Lacan nos fala que o corpo é algo que pensamos ter funções específicas, funções estas exercidas pelos órgãos, comparando o corpo, neste sentido, a um automóvel ou ainda a um computador.

Sobre este ponto, Barros (2002) pode observar que “o corpo é algo que se presume, isto é, algo cuja inteireza está sempre em questão, uma vez que depende, por um lado, de um molde externo e, por outro, de um desejo que vem do Outro” (2002:97).

A partir de Lacan, afirmar que o corpo é uma realidade é dizer que ele é triplo: S I R. (simbólico-imaginário-real). Podemos fazer uma leitura do corpo a partir de três registros: o corpo simbólico – aquele mapeado por marcas e traços significantes, diferente do corpo biológico; o corpo imaginário, efeito da apreensão subjetiva da apreensão da imagem, o corpo resultado da apreensão de identificações; o corpo real, uma vez que os registros do imaginário e do simbólico não o recobrem completamente, escapando isso que seria da ordem do real.

4.2 - Considerações sobre o “eu corporal” em Freud

Freud (1923) afirma que “O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal, não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (1923:39). Destacamos desta afirmação dois aspectos: o eu como corporal e o eu como superfície. Recordemos que Freud, em 1914, no texto “Introdução ao Narcisismo”, observa que o eu não está constituído desde sempre, ele é uma construção, se assim podemos dizer. Citemos as palavras do autor:

“Posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (Freud, 1914:84).

Ao longo do presente trabalho, vimos sustentando que o corpo de que trata a psicanálise é um corpo constituído, corpo que fala, corpo marcado pela linguagem. Vimos também desenvolvendo o estudo da constituição do corpo a partir dos três registros postulados por Lacan – real, simbólico e imaginário.

Para articularmos estas questões, seguiremos com Alberti (2004) no texto “O Corpo, uma superfície”. Quando Freud trata do eu como eu corporal e como superfície e projeção de superfície, é no campo do imaginário que poderíamos encontrar as explicações para tal projeção (seguindo o esquema L de Lacan). Acabamos um pouco “fascinados” com este corpo imaginário, contentados por este primeiro aspecto da postulação freudiana. Alberti

propõe que avancemos, examinando tal afirmação em outros aspectos, que não somente o registro imaginário. Abordar o corpo como superfície sustenta mesmo uma infinitização possível do corpo, e Lacan matematiza esta infinitização com a representação da banda de Moebius do esquema R (Lacan, 1955-56). A infinitização da superfície do corpo não acontece porque, seguindo o esquema R, existem arestas (chamadas P e ϕ) que são pontos de limite entre as fronteiras do corpo e da fantasia, pontos garantidos pelo simbólico (em função da inscrição do Nome-do-Pai).

Associar a afirmação de Freud com os esquemas propostos por Lacan delimita o corpo como conceito e aí temos a referência simbólica que a idéia do corpo como superfície pode nos remeter, além da primeira referência, imaginária. Com Freud, a autora vem afirmar, ainda, que “o corpo como primeiro eu do sujeito também é o eu pulsional, nas infinitas zonas erógenas que se lhe impõem” (Alberti, 2004:39).

Considerar o corpo como mapeado por zonas erógenas é falar de furos no corpo. No campo da topologia, as superfícies são estudadas com base nos furos, assim, poderíamos tomar o corpo como campo topológico uma vez que Freud, ao tratar das zonas erógenas do corpo, já o concebia a partir de seus furos. Citemos as palavras de Alberti (2004):

“Diz Freud que, no caso do homem, em função da relação com o Outro, diferencia-se cedo o princípio do prazer e, com isso, o eu prazer se superpõe ao eu real. O corpo, primeiro eu, passa de eu real— o feto, o corpo biológico, mas também o corpo como fadado desde sempre ao retorno ao inorgânico e, portanto, o corpo como determinado pela pulsão de morte - a eu prazer, tornando-se zona erógena em função da relação com o Outro que nele provoca as pulsões de vida” (2004:42)

Se podemos considerar o eu real como sendo o feto, o corpo biológico, quer dizer, quase um puro organismo (se é que um dia algum de nós foi um puro organismo) que na sua relação com o Outro passa a constituir-se como eu-prazer, podemos considerar que o real do corpo equivale ao organismo, ao biológico? Não responderia a esta questão afirmativamente. É certo que a manifestação do organismo, o adoecimento de um órgão, por exemplo, pode incidir como algo do real na vida de uma pessoa. Mas então, o que poderíamos apontar como sendo o real do corpo? Para seguirmos com nossas considerações, tomemos a referência de Alberti (2004) no texto em questão, quando afirma que “esses furos do real do corpo não são senão as zonas erógenas” (Alberti, 2004:37)

Quanto às zonas erógenas do corpo, é certo que assim são chamadas porque uma erogeneização lhes foi conferida, Freud é bastante claro já em 1905, no texto “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” quando afirma ser possível a qualquer ponto da pele ou da mucosa fazer as vezes de zona erógena, desde que para isso tenha um certa aptidão. Enfim, uma “capacidade de deslocamento” pode conferir o caráter de erogeneidade a outras regiões que não as regiões genitais. Conforme já abordado no segundo capítulo desta dissertação, ao acrescentar o deslocamento à predestinação, Freud está dizendo que não existe um *a priori*, não existem zonas erógenas naturais. O que nos importa destacar aí é que o “deslocamento” acontece a partir de um investimento promovido por uma alteridade, é um Outro que vai marcar determinada zona do corpo, e esta região passa à categoria de uma zona erotizada, uma zona erógena, portanto.

Feitas tais considerações de base, teríamos que articular o real e a presença do Outro. Se falamos de corpo pulsional, corpo do significante, corpo do falante, é também no seu aspecto real que a linguagem se mostra. Então, se o corpo em sua superfície é contado também por suas zonas erógenas, portanto por seus furos, vazio que encarna uma dimensão real, é certo que mesmo contado em seus furos, o corpo está submetido à linguagem.

Mas se estamos falando de um corpo marcado pela linguagem, faz-se necessária uma diferenciação das estruturas psíquicas, pois sabemos que a instauração simbólica não acontece na psicose do mesmo modo como acontece neurose, diferenciação matematizada por Lacan quando diferenciou o esquema R do L.

Freud (1923[1924]), no texto “Neurose e Psicose”, debruça-se sobre a diferenciação dessas estruturas, afirmando que a “neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o eu e o mundo externo” (Freud,1923[1924]:167).

Na neurose, o sintoma é uma representação substitutiva, uma conciliação possível, uma vez que o *eu* se recusa a aceitar a satisfação pulsional que deseja o *isso*, utilizando para tal o mecanismo do recalque. O sintoma é o caminho possível para escapar a esse recalque, mas um caminho que acaba por sofrer efeitos do mesmo. Assim, no sintoma, o sujeito encontra alguma satisfação, adquirida mediante algum “preço”.

Segundo Freud, como na psicose o conflito se dá entre o *eu* e o mundo externo, o sujeito lança mão do delírio, que cumpriria a função de um “remendo no lugar em que

originalmente uma fenda apareceu na relação do *eu* com o mundo externo” (Freud, 1923[1924]:169).

Freud conclui o texto “Neurose e psicose” se perguntando, em relação à psicose, qual seria o mecanismo responsável pelo desligamento entre *eu* e mundo externo, uma vez que na neurose, ele denomina recalque o mecanismo que é acionado no conflito entre o *eu* e o *isso*. Em 1924, no texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud tece várias considerações para afirmar que tanto na neurose quanto na psicose trata-se de uma perda da realidade. Enquanto na neurose a influência da realidade é fator decisivo, na psicose este fator é a influência do *isso*. A neurose é resultado de um recalque fracassado. Cita o exemplo da Sra. Elizabeth Von R., que enamorada do cunhado, se horroriza ante os pensamentos que lhe vêm no leito de morte da irmã, quanto a estar o cunhado então livre para casar-se com ela, pensamentos que são esquecidos e dão lugar a um sintoma histérico, pois se tratava de uma jovem neurótica. Segundo Freud, a reação psicótica corresponderia a uma rejeição da morte da irmã. Freud afirma: “a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la” (Freud,1924:207).

A partir de Lacan, podemos considerar que a estrutura clínica pode ser diferenciada a partir do simbólico. As três estruturas clínicas correspondem aos três modos de negação do Édipo, ou negação da castração do Outro. Seguimos com Quinet (1993), considerando que na neurose a negação se manifesta como recalque (*Verdrängung*), na perversão, a negação se manifesta como o desmentido (*Verleugung*). Nestas duas estruturas, o tipo de negação conserva o elemento: na neurose, o elemento é conservado no inconsciente, e na perversão ele o é no fetiche. Na psicose, diferentemente, o tipo de negação não deixa qualquer traço ou vestígio conservado, isto se explica porque enquanto na neurose e na perversão o Édipo está presente, na psicose há uma forclusão do Nome-do-Pai. *Forclusion* é um termo jurídico que se refere a um processo que não recebeu a numeração determinada e por isso não pode ser encontrado no catálogo de processos. Ou seja, o processo existe, está em algum lugar, porém é impossível localizá-lo. Na psicose, não é possível encontrar um significante que está foracluído do simbólico, mas que se encontra no real. Assim como o processo existe mas não é encontrável nos arquivos porque não se tem a inscrição que o localize, também ao psicótico falta uma inscrição inicial que o localize na cadeia simbólica.

Deste modo, cada estrutura clínica corresponde a uma forma de negação, um tipo de “fenômeno” e também um tipo de retorno daquilo que é negado. Já afirmamos que na neurose e na perversão, trata-se de uma negação que conserva o elemento no registro do simbólico, na primeira o fenômeno sintoma, na segunda o fetiche, em ambas o retorno deste elemento negado se faz no próprio campo simbólico.

A forma de negação, na psicose, é a foraclusão (*Verwerfung*), em que o elemento não é conservado no simbólico, o fenômeno a ser observado é a alucinação e o local de retorno é no campo do real. As vozes alucinadas que assolam muitas vezes o psicótico podem ser explicadas a partir desta concepção, ou seja, o sujeito não pode reconhecer como sua a cadeia de significantes, atribuindo a alguém, a uma exterioridade, a autoria de tal cadeia, não sendo raro o fenômeno das alucinações auditivas. A foraclusão do Nome-do-Pai não permite que o psicótico se situe na partilha dos sexos, ser homem ou ser mulher não se constitui no campo da escolha como acontece para o neurótico, mas em algumas situações o psicótico é invadido por esta questão de modo avassalador. Não sendo possível tratar disso pela via simbólica, seu corpo pode mesmo ser palco de castração real.

Conforme as afirmações e considerações acima expostas, podemos então dizer que o neurótico conta com a fantasia, que lhe fornece um enquadre de mundo. Freud aproxima a neurose e a psicose quando vai afirmar que em ambas acontece uma perda da realidade, mas que no caso da psicose, é o delírio que tenta se fazer de remendo para a fenda que se abre entre o *eu* e o mundo externo. A partir de Lacan, podemos considerar que o delírio pode cumprir esta função, há um enquadre imaginário possível porque uma metáfora delirante sustenta esse enquadre, porém precariamente, na falta do Nome-do-Pai como significante primordial que amarre a cadeia simbólica. A psicose pode contar com esta metáfora, porém nos casos de esquizofrenia e autismo isto não se dá exatamente assim.

O que pretendemos destacar é que, pelo fato de o psicótico não contar com a fantasia, esse enquadramento de mundo não se dá como na neurose. Na psicose, a operação significante, operação que se dá na própria constituição do sujeito, não se faz como na neurose. A constituição do corpo na psicose, especialmente no autismo, pode bem testemunhar que há diferenças radicais de uma constituição de corpo ancorada na operação significante. Se o real é uma categoria que, por definição, constitui-se como tudo aquilo que

escapa ao simbólico, vale considerarmos que o encontro com o real se daria de modo diferente para o psicótico e para o neurótico.

Assim, no caso da psicose, estaríamos diante de um real sem lei, conforme denomina Lacan em *O seminário, livro X: a angústia*”, um real que se apresenta sem qualquer recurso da cena fantasmática, como gozo completamente invasor, sem localização. O delírio pode fazer suplência ao Nome-do-Pai, e a partir da construção delirante, pontos de amarração podem fornecer um limite à invasão deste gozo. Se o encontro com o real é da ordem do indizível para o neurótico, para o psicótico esse encontro estaria mais na ordem do invasivo. Muitas vezes é em seu corpo próprio que o psicótico vem vivenciar a invasão de um gozo. Conforme nos diz Lacan, em *“O seminário, livro X: a angústia”*, se nosso corpo é o que temos para nos presentificarmos, se é o corpo que justamente permite que o significante se encarne, então podemos dizer que é também no corpo que o psicótico vem sofrer e experimentar a invasão de gozo. Porque os significantes não estão amarrados em cadeia, porque não contam com o Nome-do-Pai como significante primordial, este corpo pode se ver invadido pelo que denominaríamos de corpo orgânico, os órgãos do corpo adquirem uma concretude, esvaziando-se de qualquer metaforização possível. No caso do psicótico, em função do modo como se articulam os três registros – real, simbólico e imaginário - seu corpo próprio pode reduzir-se aos nomes dos órgãos e ao seu funcionamento, e aí sim, o real do corpo se aproxima do próprio organismo.

Na psicose, porque a inscrição significante não opera com a sustentação do Nome-do-Pai, parece haver uma constante tentativa de inscrição, muitas vezes no real mesmo do corpo. Quinet (2004) refere-se a um “acidente na incorporação significante” (2004:62). A questão é que tal acidente, por sua vez, parece provocar efeitos bastante radicais, como demonstra a clínica da psicose. São alguns deles: os fenômenos de despedaçamento, como os descritos no caso de Schereber, ou a síndrome de Cotard, em que os sujeitos relatam não possuir determinados órgãos do corpo, vivenciando uma espécie de esvaziamento mortífero. Segundo o autor, “esses fenômenos da psicose indicam que a incidência do significante no corpo é uma operação em que a pulsão de morte se presentifica” (idem:63). Poderíamos considerar que, se a inscrição significante promove uma perda do ser e torna o corpo deserto de gozo, um acidente nesta inscrição fundamental certamente define um

outro destino ao corpo. Na psicose, porque tal inscrição não pode promover a perda de ser, de caráter parcial e constituinte do sujeito, então parece que o significante passa a incidir de uma maneira mais mortífera, de um modo total, não parcial, e por isso provocando no corpo fenômenos que são descritos como despedaçamentos, destruições, esvaziamento mortal. Se podemos dizer que o encontro do corpo vivo com o significante esvazia-o de sua pura vitalidade orgânica, instaurando, ali onde tudo era puro organismo, um corpo de gozo, isto se dá quando e porque opera a ordem simbólica. Na psicose, pelo fato do Nome-do-Pai estar foracluído, o encontro com o significante pode produzir não a perda, de ordem parcial, mas antes, o corpo parece atestar o efeito de uma perda total (esvaziamento), ou de uma colisão fatal (despedaçamento).

Capítulo 5 – O corpo na clínica psicanalítica

5.1 - Uma escuta analítica a partir das queixas do corpo –o caso Roberto

Roberto tem quarenta e cinco anos, e está em tratamento psicológico em ambulatório da rede pública por conta de um acidente de trabalho ocorrido há alguns anos. Trabalhava numa clínica de saúde privada como técnico de Raio-X (porém nunca teve formação técnica para tal função) e depois de sofrer uma picada de agulha na mão direita, teve uma grave infecção que o deixou de licença por algum tempo. Acabou retornando da licença ainda sem condições de trabalhar normalmente, foi demitido e desde então passou a sofrer de depressão, além de outras complicações clínicas. Também desde este tempo esteve às voltas com processo na Justiça tentando provar que foi vítima de acidente de trabalho e conseguir também a aposentadoria por invalidez. Iniciou o tratamento por indicação da psiquiatra que já o acompanha, profissional responsável por atestar em laudo médico que Paulo sofre de depressão e não tem condições de retornar ao trabalho. De tempos em tempos, portanto, Paulo se submete à perícia médica de posse desse laudo, e assim obtém mensalmente o benefício do INSS, e esta é a única renda que tem para viver. Nesta época, vive com a mulher e dois filhos, sendo somente o menino mais novo seu filho biológico. Logo após iniciar os atendimentos comigo, recebe a notícia de que a mulher resolve separar-se dele.

Roberto é um homem cabisbaixo, desanimado, resignado aparentemente, e muito queixoso. Suas queixas são freqüentemente referidas a sua doença, como ele mesmo a chama - doença esta ocasionada pelo acidente de trabalho e tudo que conseqüentemente se passou - e a padecimentos que sofre em seu corpo. É um paciente assistido por uma neurologista, uma clínica, uma psiquiatra, uma assistente social, além do atendimento psicológico, a partir daquele momento.

Expressa-se com certa dificuldade, parece dispor de pouco vocabulário, assim como por vezes parece não compreender ou não alcançar o que lhe digo. O fato é que, ao longo dos atendimentos, posso perceber que tem uma estratégia de falar através de outros, quer dizer, usa a fala de outros pacientes em geral (pois é com quem estabelece contatos) para veicular reclamações que são suas, pois ele mesmo não reclama, em nome próprio, dos médicos e médicas que o atendem, salvo os médicos do INSS, que lhe causam verdadeiro

horror. Esses médicos, responsáveis pela perícia, são grosseiros, não acreditam que esteja realmente doente, e a cada vez que comparece à perícia, receia perder o benefício.

Mas é especialmente o modo como reclama através de seu corpo que pretendo ressaltar aqui. Roberto usa algumas palavras que ele mesmo parece inventar quando se refere ao mal-estar que sofre, mal estar recorrente – está “intenso” quando está aflito ou nervoso (tenso), ou então diz “me *indiquei* muito o trabalho”, ou quase mesmo “*mindiguei* muito o trabalho”, também esteve numa “*frase difícil*”. Seu corpo é testemunha de sua miséria, ou mesmo seu corpo é utilizado para estampar esta miséria que é sua própria vida. Sua aparência é desleixada, e se refere a si mesmo com “um homem inútil”, e me mostra as mãos dizendo que tem as unhas “assim, porque fiquei contaminado”, assim como mostra as calças caindo, de tão “*esmagrecido*” que está.

Queixa-se muito de dor de cabeça, tem problema nos rins (e faz questão de mostrar um calombo nas costas), seu sangue não está muito bom, seu braço está infeccionado (mostra as feridas que não cicatrizam), tem dor no peito e acha que está com pneumonia, está *intenso* e a pressão está alta...E por aí vão suas dores.

Nos primeiros atendimentos, remeti Roberto algumas vezes ao atendimento clínico, ou neurológico, ou medicamentoso, conforme a queixa que apresentava. Assim, se vinha com uma reclamação de dor nos rins, perguntava-lhe se já tinha visto isto com sua médica clínica, por exemplo; ou se queixava-se de uma intensa dor de cabeça, perguntava-lhe se já havia conversado com a neurologista. Até que passei a compreender, durante o tratamento, que Roberto estava trazendo a queixa para sua análise, efeito de uma transferência, e seria preciso acolhê-la de outro modo, e não remetê-la imediatamente à consulta clínica, ou neurológica. Na verdade, este homem já sofria destas divisões, e mais tarde pode falar disso, a seu modo enviesado.

A partir do momento em que Roberto pode falar de suas queixas do corpo na análise, quer dizer, falar também na análise, as associações de seu sofrimento de corpo com as dores de sua vida como um todo puderam aparecer. Assim, começa a dizer (ou começo a escutar) que “estou com muita depressão”, e em seguida: “estou com muita raiva de si”; começa a referir-se a um “cérebro que dói”, diferente da cabeça que dói. Desse modo segue falando de suas dores, às vezes uma nova queixa aparece, mas vai seguindo com algumas associações, e passa a falar/incluir a consulta/escuta da analista em suas consultas com as

outras médicas. Numa ocasião, queixa-se do olho à médica clínica, que lhe diz que tem um derrame na vista. Vai ao oftalmologista, conforme o encaminham, não sem antes dizer à doutora que havia falado com a psicóloga que seu olho doía. Conta sobre a dor no olho a uma moça, durante um trajeto de ônibus, e a moça lhe pergunta se ele chorava, ao que ele responde: não. Apesar de toda dificuldade de dinheiro, finalmente decide visitar a mãe, que não vê há alguns anos porque esta mora longe. Segue-se um choro em algumas sessões seguintes, quando retorna da visita à mãe, que estava quase cega. O fato de conseguir visitar a mãe deve ser destacado, pois Roberto se coloca como uma pessoa muito dependente, e poucas ações consegue empreender neste tempo, o que contrasta com a possibilidade de ir visitar a mãe numa outra cidade.

Muitas vezes vinha queixar-se, nos atendimentos com a analista, não somente de seus males e suas dores mas também da resposta que a própria médica (clínica, neurologista ou psiquiatra, conforme o caso) lhe fornecia diante do problema que expunha. Acontece que Roberto se apresentava como um paciente “paciente”, e se referia a seus médicos como pessoas que faziam tudo o que era possível para ajudá-lo, mas seus relatos revelavam, ao mesmo tempo, uma revolta que sentia por esses mesmos médicos quando estes falhavam, ou não o ajudavam como prometiam. Não era capaz de falar disso abertamente, e recorria a uma espécie de fala por tabela. Colocava os médicos acima de tudo, submetia-se de modo impressionante ao que lhe diziam, dizia que eram bons para ele, mas acabava muitas vezes por revelar uma grande raiva quando não o ajudavam como pedia, ou quando não lhe davam o que entendia que deveriam lhe dar.

Passa a reclamar que sua vida é “da casa *pro* médico, do médico *pra* casa”. “Eu preciso cuidar da minha doença”, chega mesmo a afirmar. Espantada, lhe pergunto: como é isso? E ele: “preciso cuidar da minha saúde”, e lhe digo, “ah, isso é diferente”.

Passa a solicitar que o laudo para o exame pericial seja fornecido por mim. Assim como de início não acolho suas queixas corporais, também de início remeto à psiquiatra o fornecimento do laudo. Ou seja, também demoro a compreender que havia ali um pedido que passava pela transferência, até que por fim, eu mesma passo a lhe passar o laudo. A questão do benefício era um ponto bastante delicado no tratamento.

Os relatos de seus males eram de fato por vezes muito difíceis de escutar, porque ao mesmo tempo em que se colocava numa posição muito miserável, também colocava aquele

que o escutava numa posição de impotência. Em determinada ocasião relata que a médica lhe havia dito que a secreção de seu pulmão era por conta da paixão que sentia pela esposa (paixão não correspondida, uma vez que a esposa o deixara e mal queria vê-lo); em outra ocasião a médica lhe diz que está “velho, por isso cheio de doença”, “está quase morto”. Ainda em outra situação conversa com um paciente que sofre de um mesmo problema que ele próprio, o de “enrolar a língua”, e a psiquiatra lhe diz que “estava era de papo”, não reconhecendo que se tratava de um assunto que envolvia uma doença em comum. Diz ter “até dor nos ouvidos, de tanta preocupação”. Assim, seus relatos trazem uma dose de insuportável, com a qual muitas vezes os médicos não sabiam mesmo o que fazer, e por vezes além de exames e remédios, acabavam lançando mão de interpretações, ou mesmo de diagnósticos drásticos.

Numa sessão, relata que em consulta com a médica clínica, tendo se queixado de dor de cabeça, ela lhe responde que “isso é com a psiquiatra ou a psicóloga, pois a minha parte é daqui para cá...” - com gestos, Roberto mostra a cabeça separada do corpo, reproduzindo o modo com se expressara a médica. Com este relato, parece testemunhar bem toda a divisão a que está submetido, toda separação que sofre. Quando pode trazer para análise seus sofrimentos, que estão representados no corpo, mas que são parte de sua história, pode de certo modo falar de um outro sofrimento que está para além de seu corpo, um sofrimento que o remédio não cura, nem os exames detectam, mas um sofrimento que recorre a seu corpo para expressar-se, e será preciso suportar durante as sessões esses relatos de dores, secreções, calombos, feridas, deixando que falasse, e ao mesmo tempo não permitindo que tais relatos desembocassem num gozo sem fim.

O significante incide sobre o corpo, como nos ensina Lacan, corpo que goza, é isso que o sofrimento de Roberto pode demonstrar. Este sujeito faz de seu próprio corpo a cena de sua miséria no mundo: sua falta de dinheiro, sua solidão, seu desamparo, as injustiças sofridas... Roberto faz uma certa entrega de seu corpo ao corpo médico – “Deus no céu, depois os médicos”, assim ele diz. A tudo aquilo que lhe dizem os médicos ele obedece, ainda que seja tomar veneno, como ele mesmo afirma. Seu corpo é devastado por um gozo sem fim, gozo trazido nas descrições de doenças e de seus sofrimentos, gozo que precisa ser barrado, corpo que precisa ser protegido dessa devastação. No caso de Roberto, o atendimento com vários especialistas acaba por lançá-lo num mar de doenças e problemas,

a exacerbar a divisão que sofre, a fornecer um terreno ainda mais fértil para o exercício do gozo. Somente pela via da palavra, na transferência, este sujeito parece ter possibilidade de barrar este gozo, remetendo seus males à sua própria história, possibilitando-lhe um outro lugar nesta história, menos assujeitado e mais responsável.

5.4 - O Corpo-máquina – o caso Joey, de Bruno Bettelheim

O caso Joey – apresentação

Joey é de início apresentado por Bettelheim (1967) como uma criança autista que falava – “isto é, falava, mas não se comunicava”. Segundo relata, de tal modo lhe foi vedado o mundo de calor humano, que, esse menino criou um “mundo separado, único, próprio” (1967:254). O mundo criado por Joey lhe garantia um lugar onde não caberiam sentimentos ou emoções, um mundo de máquinas.

Esta é a descrição que o autor nos traz de Joey:

“parecia ser só olhos num corpo dolorosamente magro, olhos escuros e sofredores, fitando vagamente o nada. Se por acaso fazia algo, parecia funcionar por controle remoto – um homem mecânico dirigido por máquinas que haviam sido criadas por ele e que lhe escapavam ao controle” (Bettelheim, 1967:254).

Bettelheim se refere a Joey como uma criança carente de tudo que pudesse se considerar como “essencialmente humano e infantil, como se não movesse os braços e as pernas, mas tivesse músculos extensores que seriam deslocados por meios de engrenagens”(idem).

Era preciso “compará-lo simultaneamente a um bebê muito inepto e a uma máquina complexa” e “com frequência precisávamos de um ato de vontade consciente para percebê-lo como uma criança” (idem:255), chega a afirmar Bettelheim.

Para o autor, a existência de Joey estava condicionada à realidade das máquinas. Seu funcionamento dependia de que estivesse ligado. Assim, havia um ritual de ligar-se às tomadas através de fios elétricos imaginários à hora de alimentar-se, de brincar, de ir ao banheiro e até mesmo de dormir. Essas ligações tinham que ser feitas, caso contrário não teria energia para realizar suas ações. O ritual era efetuado com tal destreza e habilidade

que aqueles que observavam poderiam, num primeiro momento, apostar que havia fios e tomadas reais sendo manuseados.

Joey costumava fixar uma engrenagem junto ao próprio leito, uma complexa máquina respiratória feita com fita isolante, cartão, pedaços de fio etc. Bettelheim observa que essas máquinas, provocavam curiosa reação das pessoas. As funcionárias, ao fazerem a limpeza dos quartos, preocupavam-se em recolocar no lugar original as peças que compunham o automóvel ou carburador que serviam de respirador a Joey; as crianças que viviam na escola moviam-se com cautela em torno das engenhocas de Joey, e procuravam proteger as máquinas, preocupando-se em preservar o espaço que as mesmas ocupavam, e cuidando para que não fossem mexidas; Bettelheim destaca especialmente a reação que provocava nos educadores, que segundo sua interpretação era de uma certa contenção de aproximação humana. Assim ele escreve:

“(...) o comportamento de Joey freqüentemente bloqueava nossa capacidade para reagirmos a ele não só terapêuticamente como também de forma normal. Era como se ao observá-lo e tentando acompanhá-lo emocionalmente em seu mundo mecânico, nós próprios perdêssemos parte de nossa humanidade” (:257).

Descreve o isolamento de Joey referindo-se a uma capacidade que possuía de criar um vácuo ao redor de si mesmo, de um modo que as pessoas que o observavam nesse isolamento permaneciam numa espécie de fascinação, induzidas a considerá-lo como máquina. Para Bettelheim, o fascínio é de tal modo paralisante que chega a afirmar: “o fato de o observarmos interferia seriamente na nossa capacidade de o sentirmos e nos relacionarmos com ele como seres humanos” (:259). E ainda: “O fascínio era freqüentemente mórbido, em vez de fascínio vital tão necessário para chegarmos até ele”(idem).

História de vida – os pais

Os pais de Joey pretendiam, com o casamento, esquecer a dor que cada um havia anteriormente sofrido. A mãe fora apaixonada por um homem que havia morrido em combate aéreo. O pai havia tido um caso amoroso também frustrado. O casamento

significava, para ambos, uma escolha racional, e o jovem casal pretendia com ele aliviar-se cada um de sua dor, tratando-se de uma escolha “menos suscetível de riscos”(:259).

Quanto ao nascimento de Joey, relata a mãe que “considerou-o mais uma coisa do que uma pessoa” e a gravidez tivera pouca importância para ela: “Nunca me dei conta de que estava grávida”. O nascimento de Joey “não fez qualquer diferença” (idem), segundo ela.

A mãe relata ter se sentido “aterrorizada” diante da responsabilidade de cuidar de um filho, e quis desligar-se dele a ponto de não querer vê-lo no hospital. “Não quis amamentá-lo. Não se tratava realmente de aversão - somente não quis cuidar dele”(idem). Para Bettelheim, Joey estava além das possibilidades da mãe, e, portanto, não se tratava aí de negligência. Segundo o autor, “o acolhimento que ele teve nesse mundo nem foi amor, nem rejeição, nem ambivalência. Devido a uma ansiedade absoluta, foi pura e simplesmente ignorado” (:260).

Uma vez em casa, sofria de cólicas, e por isso deveria obedecer a um rigoroso horário alimentar (de quatro em quatro horas), e somente era tocado quando necessário, isto quer dizer que não o embalavam e nem brincavam com ele. Passaria, mais tarde, a bater a cabeça com violência, balançando-a para os lados, para frente e para trás. Tal comportamento é descrito por Bettelheim, mas o autor não estabelece associações entre este e o modo de cuidado dispensado à criança.

O pai e a mãe ficaram separados à época da transferência daquele para outra unidade, e as tensões cresciam, em parte por conta da guerra e em parte devido à própria relação entre os pais, assim descreve o autor, sem maiores detalhes. Nesse tempo, relata-se que a mãe passou a sentir-se muito cansada e a voltar suas preocupações para si mesma, deixando Joey muitas vezes só. Alguns meses depois veio novamente juntar-se ao pai, sendo que estava ela com a saúde debilitada, e ambos descrevem esse tempo como “o período mais difícil” (:261). O choro de Joey passou a receber tratamento punitivo, sendo que o pai freqüentemente descarregava no filho suas próprias irritações.

Após uma segunda saída do pai em viagem de serviço, desta vez para local mais distante, Joey (agora com um ano e meio) e a mãe foram viver em casa de seus pais. Os avós maternos notaram evidente modificação do menino, que passara a demonstrar um comportamento alheio, diferente do modo receptivo com que anteriormente recebia os

avós. Máquinas absorviam seu interesse, especialmente um ventilador, presente dos pais ao completar um ano, peça que montava e desmontava com uma incrível habilidade. Ressalta-se que o interesse por ventiladores se iniciou a partir das idas ao aeroporto, local que ia com frequência nas idas e vindas do pai, que muito viajava a serviço. Não causou estranheza ao pai o interesse extremo de Joey por esses tipos de brinquedo, assim como o fato de a linguagem do menino restringir-se a ele mesmo também não os preocupou. Pouco se sabe sobre os primeiros tempos de vida do menino, fato que Bettelheim justifica pela “distância defensiva mantida pelos pais com relação a Joey, com relação ao outro e com relação à vida” (: 261).

Quanto à linguagem, Bettelheim afirma que Joey tinha conhecimento dela, mas não a utilizava para se comunicar, tendo se tornado o que chama de linguagem autística – “abstrata, despersonalizada, desligada” (idem). Joey passou a não utilizar os pronomes pessoais; de início, nomeava corretamente os alimentos, mas “renunciou a isso” tempos depois. Fazia, então, uma espécie de classificação dos mesmos: açúcar era chamado de areia, manteiga de gordura e água de líquido, para citar alguns exemplos. Segundo o autor, a propriedade física dos alimentos ganha o lugar da propriedade nutritiva, dentro da estratégia de Joey de eliminar emoções, pois ao reduzir o alimento a uma categoria física, o reduzia também do seu sabor e do seu cheiro.

Considerações

O caso de Joey é apresentado neste texto a partir do relato de Bruno Bettelheim, e pretendemos tecer algumas considerações e observações a partir de sua particular descrição do caso.

Segundo o autor, Joey apresenta um corpo que precisa estar ligado a máquinas e à energia elétrica, apontando a necessidade de uma energia vital, que poderíamos traduzir como uma energia libidinal. Seu organismo funciona, mas parece que há uma animação necessária que ele somente encontra se há motores, lâmpadas e fios que o mantenham ligado.

Colette Soler (1990) se refere ao autismo como uma “doença da libido”. O corpo sofre efeitos do significante: “é a linguagem que faz o órgão-libido”, destacando alguns dos

textos de Lacan que tratam desse tema, como o “*O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*”, “*L’etourdit*” e o “*O Seminário livro 20: Mais Ainda*”. Soler comenta o caso de Stanley, menino de 6 anos que é paciente de Margaret Mahler e que – à semelhança de Joey - joga uma espécie de jogo *on-off*, em que ele mesmo se liga e se desliga. Mahler observara que nos momentos em que se desliga, fica inerte, “é uma espécie de pacote de carne” (1990:11). Soler destaca: “inerte libidinalmente, porque o corpo como organismo continua a funcionar: ele respira, digere, tem boa saúde. O organismo não está em pane. O que não vai bem é a animação libidinal” (idem). Mas o que mais enfatiza Soler, neste caso, são as formas como Stanley se liga e se desliga, que se resumem a duas. Ele se liga pelo significante – uma palavra que é pronunciada por ele mesmo ou por outra pessoa, ou uma imagem que veja – e no momento em que esse significante se apresenta, “ele desperta e se maquiniza” (idem). Soler conclui que “é ao Outro como máquina significante, ao corpo da linguagem, que ele se liga” (idem). Mas é especialmente o segundo modo de se ligar que é destacado pela autora – Stanley também se liga ao tocar o corpo da analista, e “é surpreendente que isto produza o mesmo efeito” (idem), conforme diz Margareth Mahler. O corpo da analista entra aí como corpo significante, produzindo em Stanley o mesmo efeito (de ligar) que a palavra pronunciada, ou que a imagem surgida: o corpo da analista “está no lugar do corpo incorporal do significante” (idem), afirma Soler. Mahler relata, ainda, que ele se liga deliberadamente, chegando primeiramente inerte à sessão, para depois tocar a analista, ou abrir um livro em que figura determinada imagem, ou ainda pronunciar uma palavra. Com isso, promove uma certa escolha em se ligar ou não ao Outro.

Paralelamente ao corpo que liga e desliga, há o Outro que, através do liga e desliga, pode ser ou não desconectado. No caso de Joey, podemos considerar que as máquinas são um modo de parar o Outro, ou melhor dizendo, as máquinas presentificam um Outro sobre o qual Joey pode exercer uma certa regulação, Outro que ele liga ou não, Outro que o anima ou não, o Outro que ele pode explodir como faz com as lâmpadas, o Outro que é bom ou mau. Entendemos que as engenhocas do menino têm a função de regular esse Outro, que no caso do autismo pode ser uma presença avassaladora.

A criança autista muitas vezes assume uma posição em relação ao Outro que é interpretada como indiferença ou isolamento, comportamento que é descrito por Kanner como “retração com relação aos outros” (Kanner, 1941:113). Exatamente o que a posição

dessas crianças marca é a presença avassaladora e intrusiva do Outro, diante do qual o autista vai atuar com forçada indiferença, aparente surdez, radical falta de comunicação, na tentativa de resguardar-se da onipresença do Outro e do peso das palavras. Nesse contexto, as engenhocas de Joey são importantes recursos que ele pode utilizar para conviver no mundo, protegendo-se da presença intrusiva do Outro.

O radical isolamento do autista, justificado no senso comum como indiferença total àquilo que se passa ao redor, pode ser tomado, à luz da psicanálise, pelo lado do avesso: o autista marca, com seu semblante de indiferença, exatamente o quanto o Outro se apresenta maciçamente presente.

Baio & Kusnierek (1993) tratam do estatuto do Outro para o autista da seguinte maneira: o olhar e a voz são os objetos que presentificam o Outro, e o alimento e excremento, objetos que o Outro demanda. É interessante observar que no caso Joey, o ato de urinar ou defecar lhe exigia um complexo ritual. De início, precisava carregar grande maquinário para o banheiro, além das lâmpadas que lhe forneciam energia para a eliminação. Aos poucos, a equipe pode negociar com ele uma redução de equipamentos, de modo a simplificar a complicada rotina de ir ao banheiro. Os educadores se prontificaram em aceitar seus hábitos higiênicos, deixando claro que estariam dispostos a fazer o que estivesse ao alcance deles para tornar o ato da eliminação menos assustador.

Joey passou mais tarde a executar um ritual de “pistas” (Bettelheim,1967:301), através do qual parece propor testes às pessoas, a fim de certificar-se do “interesse e respeito por esses produtos do seu corpo” (idem). Certificado de tal interesse, as pistas tornavam-se reais – marcas de lama, pedaços de papel que sujava. Podemos considerar que, de um modo singular, Joey vai se fazendo representar, as pistas são sinais de sua presença e através delas Joey parece que vai fornecendo, por partes, um caminho possível através do qual outros podem chegar até ele.

Neste ponto, nos parece que a equipe pode não somente colocar-se de modo colaborador, mas especialmente pode posicionar-se como um Outro não intrusivo e também não demandante, considerando o efeito desastroso que tal demanda produz na criança autista, conforme afirmamos anteriormente. Ao permitir, por exemplo, que Joey pudesse utilizar outros lugares que não somente o vaso sanitário para eliminar suas fezes, permitiu-se que o vaso não mais se mostrasse tão assustador:

“Ao ampliar a eliminação do vaso sanitário real ou simbólico (o cesto de lixo) para todo o seu mundo, começou a eliminar livremente onde quer que se encontrasse; o mundo inteiro converteu-se em banheiro. Mas com isso, o vaso real tornou-se menos perigoso” (idem:303) .

Os equipamentos inventados por Joey parecem ter sido importante recurso na sua relação com as outras pessoas, parecem mesmo ter desempenhado a função de intermediar essas relações, muitas vezes experimentadas pela criança autista de um modo muito avassalador. Se o tratamento de Joey pode incluir seus equipamentos e portanto reconhecê-los como especial recurso, por outro lado não podemos deixar de observar que Bettelheim, em seu relato, inclui uma série de interpretações próprias quanto às invenções de seu paciente, seu comportamento e sua relação com as máquinas. Entendemos que Bettelheim muitas vezes acaba por tomar a “máquina” na vertente do significado, e ele mesmo acaba emprestando às máquinas de Joey significados que partem dele próprio, em detrimento de um desvelamento que a “máquina” enquanto significante poderia produzir. Assim, por exemplo, traduz as “ligações” a que Joey se refere muito mais como fios e correntes concretos ou imaginários que seriam necessários à animação de seu corpo próprio. Podemos considerar que, na vertente significante, este “ligar-se” está remetido à própria história de Joey, desde seus primeiros tempos de vida, porque as palavras de sua mãe revelam que este menino se encontra com um Outro que não se “liga” a ele, um Outro a quem não pode ligar-se também. Entendemos que todo o trabalho de Joey se dá no sentido de uma ligação possível com o Outro. Parece-nos que Bettelheim acaba por tentar enquadrar determinadas “produções” de Joey , e nesses momentos a “máquina” acaba mesmo perdendo o sentido de metáfora. É assim que nos parece quando afirma, por exemplo, que para Joey, o fato de seu corpo produzir coisas (as fezes) era um complicador, pois somente as máquinas produziam coisas, o que seria a prova de que ele próprio era uma máquina. Nas palavras do autor:

“Se por um lado, ele fosse um ser humano e as fezes lhe pertencessem, como poderia algo que fizera parte de seu corpo passar a ser exterior a esse mesmo corpo? Onde ficariam os limites da sua existência física? Significaria isso que seu corpo não tinha limites?” (idem: 300).

Segundo ainda as considerações de Bettelheim, Joey recebeu um treinamento de higiene rigidamente imposto, mas de sua obediência não adveio qualquer satisfação emocional, assim como sua desobediência também não causava aborrecimento aos pais.

“Tinha que fazer como lhe diziam, mas, além disso, não tinha significado. Joey tinha de tirar as fezes de algum lugar e tinha de desfazer-se delas. Mas nada disso lhe dava prazer, justamente como sua obediência, presumimos nós, não dava prazer à mãe. Não havia qualquer outra pessoa emocionalmente empenhada no seu treinamento em higiene” (idem:305).

A partir de Lacan, podemos pensar a questão da “produção das fezes” como tentativa de extração de algo de seu corpo próprio. Sabemos que, para a psicanálise, é a perda que está em questão na constituição do sujeito. Considerando as operações alienação/separação, podemos dizer que, do lado do sujeito, há perda de ser, enquanto do lado do Outro, algo resta como objeto *a*. Uma vez que no caso do autismo as operações que constituem o sujeito não se dão como na neurose, poderíamos considerar que há um esforço “a mais” de Joey em todas as operações que envolvem uma perda. A extração das fezes, longe de se traduzir como um ato fisiológico, vem demonstrar o efeito da inscrição significativa no corpo, assim como as “desordens” que ela pode produzir.

Ainda quanto à citação acima, a partir do ensinamento de Lacan, poderíamos dizer que Bettelheim estaria expondo claramente a ausência do desejo do Outro, no caso de Joey. Desde os primeiros tempos de vida deste menino, ele se depara com uma radical ausência de lugar, ausência explicitada nas próprias palavras da mãe, para quem o nascimento de Joey “não fez nenhuma diferença”. Quando Bettelheim afirma que não há qualquer outra pessoa envolvida emocionalmente no treinamento de higiene, podemos concluir que o menino não encontra nenhuma presença que o marque, que se alegre ou se aborreça, que seja sensível àquilo que produz ou não, alguém para quem faça diferença.

O corpo é marcado pelo desejo do Outro, o corpo de Joey apresenta-se como depoimento vivo da ausência dessa marca. Freud, desde o “Projeto”, aponta que:

“o organismo humano é no início incapaz de levar a cabo uma ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, na medida em que, através da eliminação pelo caminho da

alteração interna, um individuo experiente atenta para o estado da criança” (Freud, 1950[1895]:369).

O bebê não dispõe de condições nem mesmo motoras para que possa sobreviver, e como ser falante está submetido ao registro pulsional. Enquanto seres vivos regulados pelo instinto, os animais têm já seus objetos determinados, mas no mundo humano o sujeito precisa demandar. Para o bebê, há de início o grito, um esperneio às vezes, não dispõe de palavras que expressem sua necessidade. É nesse ponto que a função de um primeiro Outro se faz primordial: para que um grito se converta em demanda será preciso um Outro que interprete e afirme que o bebê tem fome. Dito de outro modo, o bebê somente tem fome porque a mãe assim o diz, e ao dizê-lo, tal resposta instala a pulsão.

Perguntando-nos o que se passa quando tal circuito não acontece, nos remetemos ao caso Joey. Seu corpo se apresenta por vezes como um corpo sem limites, um corpo do qual não pode se apropriar, um corpo que precisa ser regulado por forças que lhe escapam, enfim, corpo vivo que sofre de uma espécie de desregramento pulsional. Joey teme que o conteúdo de seu corpo se perca no ato da eliminação - com a mão fechava o ânus quando urinava, assim como fechava o pênis quando defecava. O corpo de Joey parece sofrer de uma carência de contornos, contorno como uma *gestalt* imaginária. Tratando-se de um menino psicótico, a ele faltaria um significante primordial que permitiria retomar tal *gestalt* em determinados momentos. Não se trata de que faltem significantes a Joey, pelo contrário, o recurso às máquinas é a presença concreta dos mesmos.

Considerando a “indiferença dos pais” apontada por Bettelheim, podemos pensar que Joey é um menino pobre de sinais que signifiquem um particular interesse do pai e da mãe, e parece lançado numa solitária e incessante produção de sentido.

Quando os profissionais julgam ter adquirido alguma confiança de Joey, decidem que não mais haveria reposição das lâmpadas que explodia, deixando-lhe a escolha de preservar algumas lâmpadas, caso assim deseje. Mas o menino continua a explodí-las, ameaçando a todos “com coisas horríveis” caso não as substituíssem, o que não demoveu os profissionais da decisão já tomada. A partir de então, Joey começa a admitir que lâmpadas e máquinas também o magoavam. Passa a considerar que há lâmpadas boas e más, classificando lâmpadas que eram “úteis” e lâmpadas que eram prejudiciais. Podemos pensar que o ato da equipe em não mais repor o estoque de Joey opera um corte simbólico,

ao mesmo tempo em que apostam que Joey pode sobreviver sem as lâmpadas. Se por um lado lhe proibem de possuí-las concretamente, lhe permitem, com a ausência das lâmpadas, que nomeie o que elas representam, porque a partir daí Joey passa a falar o que significavam. A ausência das lâmpadas abre uma falta, e um sentido pode ser formulado por Joey, sentido que Bettelheim aponta como distinção do bem e do mal, um risco que Joey pode ‘topar’ nesse momento.

A ausência de lâmpadas de verdade fez com que Joey passasse a produzir suas próprias lâmpadas. Pelo fato de ele mesmo produzi-las e por isso saber exatamente o que eram, pode de certa forma passar ao controle, saindo de um “círculo vicioso”. Esse foi o benefício mais positivo apontado por Bettelheim em relação à recusa do “equipamento real”: “criamos uma situação que o tornou realmente *homo faber*, o homem criador de utensílios” (Bettelheim, 1967:282).

As pessoas à volta de Joey recorriam aos motores para “penetrar o mundo à sua volta” (idem). Assim, também os profissionais “recorriam aos motores ao invés de recorrer às relações humanas”, o que Bettelheim coloca num certo tom de crítica, como se entrar no jogo da máquina significasse adotar uma aproximação menos humanizada, o que não estaria de acordo com a direção do tratamento. Nossa hipótese é de que justamente a aproximação de modo enviesado, mediada pelos motores de que Joey se cercava, revelou-se importante estratégia no tratamento. Como já observamos, se tomamos a “máquina” de Joey como metáfora, aí não necessariamente o contato com a máquina significa um contato mecânico ou automático, menos humanizado. Tomando o trabalho de Joey na vertente simbólica, consideramos que o significante “ligar-se” remete ao desejo de sua mãe, que em sua história de vida, não se deixou ligar a seu filho. Pensamos, com Colette Soler, conforme considerações anteriormente expostas, que o “ligar-se” está totalmente dirigido ao Outro, na dimensão da linguagem e portanto na dimensão do humano, e não do autômato.

Ao longo do tratamento, as máquinas de Joey puderam ocupar posições diferentes, o que nos aponta tratar-se de uma certa mudança que pode estar fazendo durante o tempo em que permaneceu na Escola.

De início, a descrição que temos é que Joey parece completamente “controlado” por suas máquinas, ou seja, submetido ao Outro de modo mais radical. Nesse tempo, cuidadores e crianças em geral somente se comunicam e se relacionam com ele através das

máquinas, as lâmpadas freqüentemente são explodidas por ele; suas mãos estão sempre ocupadas com lâmpadas e motores, de modo que o impedem mesmo de brincar. Mais tarde, os brinquedos são transformados em “máquinas destruidoras”, como exemplo da “tritadora de crânios”. Em outro tempo, permite que as pessoas se aproximem a fim de servir ou tratar de suas máquinas. Aos poucos, Joey pode diminuir parte do maquinário, aceitando que um equipamento reduzido o acompanhe ao refeitório e também ao banheiro. Joey pode produzir suas lâmpadas, e por conhecer melhor o modo como são confeccionadas se apresentar mais controlador e menos controlado; Joey passa a esboçar uma distinção entre as lâmpadas (boas/más, úteis/prejudiciais) e também a falar sobre o que as máquinas significam para ele, conferindo certo sentido a sua existência de corpo-máquina; Joey pode aceitar e fazer uso da lanterna, sobre a qual mantém evidente controle. As etapas que Joey e seu corpo-máquina atravessaram sugerem um tratamento do Outro, de que nos fala Zenoni (1991).

Em muitos momentos, Bettelheim afirma que o feitiço virava contra o feiticeiro, pois as máquinas inventadas por Joey assumiam o comando e agora o dirigiam. Nesses momentos, o menino exasperava-se por se encontrar comandado pelas máquinas, que lhe controlavam “corpo e mente segundo suas próprias leis e não segundo os desejos dele, e Joey reafirmava-se com violência” (Bettelheim, 1967:294). Fazia explodir as lâmpadas ou válvulas que forneciam energia à máquina - momentos em que “por um instante tornava-se uma pessoa real”. “Jogando-as fora, libertava-se da escravidão. Era o único instante supremo em que estava vivo” (idem). A partir de Lacan, podemos afirmar que a ‘pessoa real’ a que se refere Bettelheim é exatamente o sujeito, conceito tão caro à psicanálise, aqui retratado tão exemplarmente na sua condição de “pontual e evanescente” (Lacan, 1965-66:872). É no momento de explosão que Joey pode aparecer como sujeito, saindo de uma certa mortificação. Podemos pensar que o autista vivencia radicalmente os dois movimentos constituintes do sujeito segundo Lacan, a alienação e separação. O autista parece permanecer colado ao significante, daí o peso que as palavras lhe provocam. Segundo Bettelheim, depois de despedaçar a máquina instalava-se a ansiedade, e segundo Bettelheim “seu eu desintegrava-se, esvaziava-se de toda a emoção, de toda a energia vital. Tudo era consumido na explosão” (Bettelheim, 1967:294). Segundo Colette Soler (1990), a criança autista não pode se separar do Outro, porque o “Outro não é um objeto

compensador de sua falta, mas uma parte de sua libido. Se ela se separa, seu corpo cai, inerte” (Soler,1990:13). As coisas se passam como se o “corpo caísse literalmente, privado de sua energia”, e se a separação da mãe ou do terapeuta é de fato “catastrófica, é porque a criança perde uma máquina-libido que lhe é exterior” (idem:14). No caso de Joey, poderíamos considerar que suas enghocas constituem importante recurso – elas lhe garantem um espaço, um modo de ligação com o mundo que de certo modo o mantém em contato e ao mesmo tempo a uma certa distância de um Outro tão radical.

5.3 - Algumas considerações sobre o corpo no autismo

A partir do ensino de Lacan, que abre vias para a abordagem psicanalítica das psicoses, incluindo a psicose na infância, tratamos da constituição do sujeito a partir do campo do Outro.

Pensando na constituição do sujeito que inclui também uma constituição de imagem do corpo, considerando a função que tem o Outro nessas operações, então que se passaria com uma criança autista? Gostaríamos de tecer algumas observações quanto à relação que um sujeito autista vem a estabelecer com seu corpo próprio.

Não é raro, é até mesmo bastante comum, que a criança psicótica, em especial a criança autista, demonstre em seu corpo vivências que nos parecem bizarras, estranhas, comportamentos que nos sugerem uma inquietação e uma ansiedade sem nome. Muitas vezes uma criança autista é capaz de arrancar parte de seus cabelos, tirar pequenas partes de sua pele, tentar enfiar os dedos através de seus olhos, introduzir objetos nos orifícios de seu corpo. Tais comportamentos parecem mesmo atestar, de uma forma radical, a premência, a urgência, a necessidade imperiosa de garantirem uma falta, um buraco, que passam a ter de instalar em seus próprios corpos. O que se passa com o corpo da criança autista? Se podemos pensar que a auto agressão é uma espécie de tentativa de fazer furos, vazios, de que padece esse corpo?

Sabemos da prematuridade do ser humano quando de seu nascimento, a que podemos denominar um verdadeiro desamparo fundamental, pois o bebê humano nasce dependendo totalmente de auxílio externo para sua sobrevivência. Sobre essa questão, afirma Alberti que ele: “é fundamentalmente desamparado, à mercê da pulsão de morte que

efetivamente levaria ao retorno do estado inanimado se não tivesse havido, na evolução, essa especialíssima função de um Outro para ajudá-lo, instalando o princípio do prazer” (2004:43) Com Lacan, este Outro assume um lugar primordial no campo dos significantes, e é necessário, para que um sujeito do desejo como tal se constitua, que operações constituintes aconteçam (alienação/separação). Podemos pensar que no caso do autista, permanece em seu corpo algo não demarcado, algo de não limitado pelo Outro. Pensando ainda com Alberti (2004) “é porque o corpo é estruturado como superfície e o inconsciente como linguagem que o gozo determinado pela significação inconsciente é um gozo fora do corpo – o gozo fálico” (2004:45). No corpo do autista, o que justamente se testemunha é um circuito que não possibilita que tal gozo se dê fora do corpo, como se um curto-circuito ocorresse no investimento libidinal.

Dito de outro modo, parece que o investimento do Outro se faz de modo a não recobrir esse corpo, permanecendo a criança portando algo de um *Real-Ich*, um eu-corporal não contornado. Os furos do corpo precisariam então ser mantidos, de alguma forma, em ato, através de comportamentos como os que descrevemos.

Nominé (1999) trata da questão do corpo, afirmando que determinadas operações não acontecem no caso do autismo. Como já vimos anteriormente nesta dissertação, o estádio do espelho de que nos fala Lacan representa o tempo em que o espelho reenvia ao sujeito uma imagem de sua unidade corporal, reenvio sustentado pela presença de um Outro, do simbólico. Resume Nominé: “Um nó então se faz entre o *real* do corpo do qual o sujeito não pode ter uma idéia, o *imaginário* da forma que aparece sobre a face do espelho e o sentido *simbólico* que o Outro lhe dá. Ter um corpo, supõe que este nó se faça” (Nominé 1999:237).

Já vimos também que na operação que traduz o real do corpo em imagem, nem todo ser do sujeito está contido na imagem narcísica, há um resto nesta operação. Isso que resta fornece à imagem um valor libidinal, esse resto permite que o sujeito venha constituir-se como sujeito desejante.

Para Nominé, “a lógica do resto é completamente estranha ao autista” (idem:237). Considera a posição do autista como uma posição decidida, ele recusa a inscrição significante porque esta se faria sem resto, o que significaria a morte. Esta nos parece uma

conclusão radical, porém vale aqui ressaltarmos a condição especial de uma operação sem resto, que é consoante com o que vimos então afirmando.

A partir de *O Seminário: livro 11*, podemos dizer, com Lacan, que o “objeto *a* é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão” (Lacan, 1964:101). A este órgão, incorpóreo, podemos chamar libido, ponto sublinhado por Miller em conferência de 1986 sobre o fenômeno psicossomático, em que destaca a libido como órgão fora do corpo. O objeto *a*, então, tem estatuto de resto considerando a inscrição significativa, órgão externo ao corpo. Lacan o destaca do corpo, afirmando em 7 de junho de 1967: “Esse resíduo é, no final das contas, a junção a mais segura, por mais parcial que ela seja, do sujeito com o corpo” (Lacan apud Nominé, 1999:240).

Se ressaltamos a afirmação de Lacan quanto ao caráter de resíduo do objeto *a*, nós o fazemos justamente para ressaltar que não é esta a lógica que se opera no caso da psicose, especialmente do autista. Assim, concordamos com Nominé quando considera que “a lógica do resto é completamente estranha ao autista” (Nominé, 1999:237)

O autor conclui, em resumo:

“O objeto *a*, dado que ele escapa à inscrição do significante no corpo, dado que ele representa um mais-de-gozar que escapa à regra do princípio do prazer, é esse resíduo que permite ao sujeito não se confundir com o seu próprio corpo, metáfora do gozo do Outro” (idem:240).

Consideremos as duas operações que fazem parte da constituição do sujeito, segundo Lacan. A alienação é o primeiro movimento em direção ao Outro como lugar dos significantes. O sujeito, então, se “petrifica” em um significante (Lacan, 1964:194), um termo que passa a ser comum ao sujeito e ao Outro. A operação de separação evidencia o Outro em seu próprio limite, porque no discurso do Outro algo nunca se diz completamente. É a partir desse ponto que se pode abrir a dimensão da falta, e portanto, do desejo.

Ainda segundo Soler (1982):

“De maneira geral, o significante ignora, por causas evidentes, tudo o que terá de características reais o ser vivo que vai nascer. Ele o designa e ao mesmo tempo anula o que é seu ser próprio. Para Lacan, o sujeito não é o ser vivo, mas o que o significante o

representa. Esse sujeito necessita do significante para aflorar e , ao mesmo tempo, o significante o mortifica” (Soler, 1982:72).

Tratemos de estabelecer a relação entre as operações de constituição do sujeito e o objeto *a*, visto que concernem às considerações de nosso tema. Como resultado da operação de alienação, parte do ser é perdida, uma vez que há uma mortificação imposta pelo significante que advém do campo do Outro. De outro lado, ou seja, do campo do Outro, algo resta desta operação, resto a que Lacan denomina objeto *a*, e que, segundo ele, é a garantia da alteridade. Assim, o objeto *a* tem um caráter de resíduo e de exterioridade. É este caráter extimo que está em questão quando tratamos do gozo fálico, como sendo fora do corpo próprio. Ao perder parte de seu ser vivo, o corpo pode gozar, mas um gozo que provém de algo externo ao próprio corpo. Ou seja, para ganhar o gozo fálico, o sujeito paga com parte de seu ser e assim tem acesso a um dos modos de gozar. Retomando nosso texto e as considerações que fazemos acerca do autismo, pensamos que algo não se processa nas operações de alienação/separação, não se produzindo a extração de objeto necessária a que um circuito pulsional se instale. Diante disso, o corpo da criança autista pode ser palco de um circuito de outra ordem.

Conforme já dissemos, a criança autista assume um comportamento de indiferença descrita por Kanner como “retração com relação aos outros” (Kanner,1941:113). A leitura que propomos é que se trata de uma posição que essas crianças assumem frente à presença do Outro, ou seja, não significa de modo algum que sejam indiferentes ou de que ignorem as outras pessoas, mas que a “retração” observada por Kanner é uma tentativa de defesa contra um Outro que se apresenta ameaçador.

“No autismo, trata-se de um Outro que figura como intruso e ameaçador, perante o qual o autista se posiciona com forçada indiferença, protegendo-se com seu isolamento, seus gestos repetitivos, seus rituais e sua radical falta de comunicação” (Freire,A.B.,Wheatley,L.&Costa, R., 2003:131)

Retomemos as considerações de Baio & Kusnierek (1993) em “*L'autiste: un psychotique au travail*”, que tratam sobre o estatuto do Outro no caso do autismo. Para estes autores, olhar e voz são objetos que presentificam o Outro, e o alimento e os excrementos, objetos referidos à demanda do Outro, todos esses objetos que de modo algum passam despercebidos para o autista. As posições, os modos como a criança autista

se coloca diante desses objetos têm em comum uma espécie de processo de regulação pelos quais passam esses objetos. Baio & Kusnierek nos trazem diversos casos que demonstram a exigência de controle a que o Outro é submetido, através desses objetos que o representam. Assim, o olhar do Outro é regulado ou vigiado, o alimento para ser ingerido tem que passar por rituais, o excremento para ser eliminado requer também um procedimento todo singular. Em outras palavras, como já pudemos observar:

“O que se percebe na posição dessas crianças é o tratamento do Outro, de seus pedaços de corpos, seus objetos, seu saber, suas palavras. A relação com o Outro é posta em batimentos por seqüências precisas de rituais que, em última instância, visam no real à regulação, ao esvaziamento desse Outro intrusivo” (Freire, A.B., Wheatley, L. & Costa, R., 2003:132)

Marcar que há uma posição na criança autista, é também marcar uma possibilidade de mudança de posição, portanto, de possibilidade de trabalho. Mas é certamente preciso considerar que este trabalho se dá num campo formatado sob determinadas condições. Sabemos que na psicose – e estamos incluindo o autismo nesse campo – o sujeito não conta com a referência do Nome do Pai, significante primordial. Assim, enquanto o neurótico pode contar com este significante primeiro que pode organizar as marcas significantes, na psicose, porque as marcas significantes não podem contar com este recurso, não se organizam no que chamamos cadeia significante. A organização desta cadeia proporciona que entre os significantes um intervalo se constitua, sendo este próprio intervalo a garantia de que um significante represente para outro significante o que em psicanálise chamamos sujeito. Não havendo intervalo, é o próprio sujeito que corre o risco de não se constituir, de submergir entre significantes que se colam, que fazem holófrase. Segundo Elia (2003), “Dizer que o sujeito permanece inconstituído não é a mesma coisa que dizer que ele não existe, nesses quadros. Trata-se de pesquisar o modo como o sujeito existe, e conhecer a modalidade de seu funcionamento no inconsciente, coisa que ainda está por ser feita” (Elia, 2003:13).

Importa-nos acrescentar que a criança autista, com seu modo de ser estranho, nos coloca ao mesmo tempo diante daquilo que temos de mais íntimo e constitutivo: é recusando-se à linguagem (aparentemente), é expondo seus excrementos, é portando um

corpo estranho e bizarro, é assim, parecendo colocar-se avessa a qualquer civilidade, que ela nos aponta para algo de real.

Diante do que não sabemos, do que não se sabe, uma posição se faz necessária e urgente. Quando o psicanalista afirma, então, que há um sujeito ali, e portanto há um corpo, trata-se de tomar uma posição. Talvez se trate mesmo de um ato, no sentido de que há algo de um saber que o ultrapassa, e um ato que somente e sobretudo se sustenta na concepção proposta pela psicanálise e na sua ética. Afinal, não foi a partir de um não saber que Freud pode constituir e construir todo o seu legado?

Considerações finais

Quando nos propomos a estudar um estatuto do corpo que responda à questão “de que corpo se trata para a psicanálise?”, podemos dizer que visamos que este estatuto venha contribuir para que o analista possa estar cada vez mais “atenado”, “aberto”, sensível à escuta de um sujeito de corpo e alma.

Afirmamos, desde o início, que Freud não nega o corpo, muito pelo contrário, coloca-se a escutar o corpo, fazendo-o falar, e com isso pode criar condições para que o sintoma – histérico – possa ser decifrado.

Se este trabalho se debruça sobre a elaboração de uma concepção de corpo que podemos sustentar enquanto analistas, é necessário, num primeiro momento, ressaltar que há conceitos caros que marcam o corpo de que se trata em psicanálise. Afirmar que conceitos e concepções demarcam o território deste corpo significa que a psicanálise concebe um lugar ao corpo. Na clínica, tratar o corpo a partir do lugar específico que a psicanálise reserva a ele não deve se equivocar com qualquer iniciativa de reduzir tal corpo ou tampouco de dividir este corpo, não mais do que ele já o é. Promover uma concepção de corpo próprio à psicanálise visa a que possamos cada vez mais nos apropriar deste corpo, inclusive para podermos falar sobre ele com outros campos de saber, mais cientes da tarefa que nos cabe, a partir de nosso próprio campo. Quando afirmamos, portanto, que o corpo para a psicanálise não equivale ao corpo anatomo-fisiológico ou ao corpo biológico, queremos ressaltar que não se reduz a este, mas que certamente o inclui. Estaríamos sendo no mínimo ingênuos ou equivocados se assim não considerássemos. Parece-nos que se faz necessário manter mesmo uma certa tensão nesta redução/inclusão do corpo.

Assim, também, afirmamos e sublinhamos que o corpo não é naturalmente dado ao sujeito, mas que é, antes, necessário que o sujeito dele se aproprie. Dito de outro modo, a constituição do corpo implica uma operação significativa, operação a partir da qual o sujeito pode então afirmar que tem um corpo. Neste sentido, poderíamos partir da idéia de que a realidade do corpo está na ordem do ter, e não na ordem do ser, e o fato de que se trate antes de ter um corpo e não de ser um corpo produz desdobramentos importantes. Não nos esqueçamos que, muitas vezes, diante de um sintoma neurótico ou um surto psicótico, o sujeito muitas vezes se vê tomado por este corpo. E ainda, em certos contextos, o sujeito de

presentifica no corpo - momento em que ele é o corpo – e em outros, ainda, é o corpo que parece ter o sujeito, é o corpo que o possui.

Na neurose, o sintoma histérico bem atesta que o significante é suscetível de se materializar no corpo. Na psicose, podemos atestar a disjunção entre o sujeito e o corpo. O significante tem efeito de afetar o corpo, sendo que este “afetar” é também da ordem do perturbar, deixar marcas no corpo.

Se de início Lacan ressalta a constituição do corpo pela via do imaginário, através do estágio do espelho, o elemento simbólico é sempre ressaltado como matriz dessa *gestalt*. O estágio do espelho marca uma diferença entre o organismo biológico e a imagem do corpo, imagem total com a qual o sujeito se identifica e que lhe confere mesmo uma vitalidade. Ao longo de seu ensino, vem tratar do corpo afetado pelo gozo. Se o corpo é materialidade que encarna o significante, é também o corpo que sofre efeito do sintoma, que sofre efeito do gozo.

Se o significante está em relação com o corpo é pela via da articulação. Enquanto o signo é relacionado à presença, o significante é correlato da articulação. Assim, se o significante está em relação com o corpo, ela é uma relação negativizada, que indica mesmo uma ordem incorporal, o saber como incorporal. Mas a questão é que o saber passa pelo corpo e o afeta. Para darmos conta desse saber que afeta o corpo será também através do significante o caminho. Assim, mais do que nunca é importante afirmar o lugar do dizer do corpo, mas não na perspectiva da significação, da decifração pelos signos, pela classificação diagnóstica, mas pelo dizer do significante, que remete à história singular de cada corpo e de cada sujeito.

Vivemos um tempo em que, acreditam alguns, é possível localizar no cérebro, até mesmo as instâncias psíquicas postuladas por Freud. Sabemos que o inconsciente não está localizável no campo estritamente anatômico ou fisiológico, nem se encontra nas profundezas do cérebro. Ele pode se alojar em uma perna, um olho, um estômago, subverter partes do corpo em suas funções fisiológicas, ou anatômicas. Ele é imaterial, mas se faz incorporar, pelo significante. Supomos que ali ele se instala para nos dizer algo, e ao mesmo tempo é somente quando alguém se dispõe a escutá-lo que algo pode ser dito.

No presente trabalho vimos ressaltando que o corpo que nos traz a psicanálise é um corpo somente passível de se constituir a partir do campo do Outro, das relações e

articulações que o ser humano poderá estabelecer com seu próximo, esse outro que é seu semelhante, a partir de um Outro que é alteridade.

A psicose, especialmente o autismo, testemunham não se tratar de algo tão óbvio a constituição do corpo para o ser falante. Os casos de autismo não raro evidenciam os efeitos de uma estranha configuração corporal. Como já vimos, uma operação significativa se faz necessária na constituição do corpo, operação da qual resta algo, uma vez que o sujeito, ao necessariamente alienar-se no Outro, sofre uma divisão, enquanto do lado do Outro algo se extrai, como resto. Na psicose, que não conta com o Nome-do-Pai como o significante primordial para sustentar a inscrição dos outros significantes, esta operação não se dará assim como se dará na neurose. Mas se tal operação assim não acontece, como então constitui-se como sujeito o psicótico, e ainda como se constitui sujeito o autista? Como se dá a constituição do corpo aí, corpo que segundo Lacan, encarna o significante?

Nossa posição é decidida: o psicótico é sujeito, o autista é sujeito. Então é preciso afirmar que tem um corpo, mas a questão é: que relações se dão entre o sujeito e o corpo, nesse caso? Que o autista se apresente com um corpo estranho, bizarro, um corpo meio ao avesso, isto está longe de testemunhar que não tem um corpo, e vamos além, isto também não quer dizer que se apresente com um corpo puramente “vivo”. É antes uma posição cuidadosa a que economicamente tomaríamos. Se somos rigorosos com os conceitos que a psicanálise nos traz, e portanto entendemos que a operação significativa encontrada na neurose assim não se dá na psicose, e no autismo, é preciso sustentar que algo de outra ordem se dá.

Se o autista pode ser considerado por alguns autores como um “psicótico em trabalho”, talvez seja o caso de pensarmos que o analista é convidado a sustentar este processo de trabalho, na posição de uma escuta cuidadosa. A criança autista por vezes se apresenta de um modo tão radical, parecendo mesmo avessa à civilização, que os mais desavisados resvalam em tomá-la como alguém a quem a linguagem não chegou, ou a quem a linguagem não tocou, quando ela testemunha, tampando os ouvidos, justamente o contrário. Lacan observa, aliás, como para o autista o peso das palavras pode ser muito grande. É necessário que o analista a isto se atente, por um lado, e por outro que, diante disso permaneça sensível, uma vez que será muitas vezes com seu corpo que o autista se apresentará falando. Com suas bizarrices, com suas graves e radicais estranhezas, o autista

talvez mais grite do que fale, propriamente, com seu corpo. Pode ser que, quando o analista se disponha a escutar o grito, então o autista lhe grite mais alto, o que, aos olhos de outros à volta apareça como uma “piora”, aos desavisados, um “agravamento do quadro”. Poder propor uma transformação deste grito em apelo, talvez seja aí que possamos situar um atento e sensível trabalho de análise.

Afinal, é preciso que ao sujeito possa ser ofertada a escuta que inclui o dizer de seu corpo próprio. Para falar de seu padecimento, de seu sofrimento, o corpo pode ser um recurso. Ao mesmo tempo em que ao sujeito se impõe a tarefa de apropriar-se de seu corpo, isto está certo para todos, cada um o fará a seu modo. Considerando as estruturas psíquicas, os recursos de que a neurose dispõe são outros, não disponíveis no caso da psicose, o que não significa que graves distúrbios se passem com esta primeira, às expensas dos recursos com os quais conta.

Pelo fato de não podermos ainda precisamente discorrer sobre do que se trata na operação que constitui um corpo no autismo, e na psicose, isto de modo algum pode deixar de fora qualquer corpo, sob pena de deixar de fora um sujeito. Considerando que o autismo é ainda bastante enigmático, assim como a clínica dos casos tomados como novos sintomas, ou os fenômenos psicossomáticos são um campo a ser ainda mais cuidadosamente estudado, eles vêm também convocar o analista a sustentar uma posição de escuta, diante de quadros que as concepções teóricas ainda não recobrem, se assim podemos dizer.

Ter um corpo está em questão para o sujeito: para aqueles que habitam corpos partidos, corpos mutilados, corpos debilitados, corpos paralisados, corpos lesados, corpos deficientes, assim como para aqueles que habitam corpos perfeitos, corpos saudáveis, corpos atléticos, corpos masculinos ou femininos. Resta escutá-los.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, S. - (2004) “O corpo, uma superfície”. *In Retorno do Exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*, ALBERTI, S. e RIBEIRO, M. A. C. (org), Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004, pp 37-56.
- BAIO, V. & KUSNIEREK, M. - (1993) “L’áutiste: um psychotique au travail”. *In Preliminaire n. 5*, Bruxelas, 1993, pp 7-18.
- BARROS, R.R. - (2002) “De que Corpo se trata?”. *In Palavras e Pílulas – A psicanálise na era dos medicamentos*, Revista do Instituto Brasileiro de Psicanálise do Campo Freudiano, CLIQUE no. 1, 2002, pp 97-99.
- BETTELHEIM, B. - (1967) *A Fortaleza Vazia*, Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1987.
- BIRMAN, J. - (1999) “O Corpo, o Afeto e a Intensidade em Psicanálise”. *In Revista Agora no.2*. Rio de Janeiro, 1999, pp 25-40.
- COUTO, M. C. V. - (1995) “O Autismo e a Questão do Corpo”. *In Cadernos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: SPCRJ.
- DIEREN, E. P. V. - (1991) “Autismo e Melancolia Parental”. *In “O que a Clínica do Autismo pode ensinar aos psicanalistas?”*, Lasnik-Penot, M.C.(org). Salvador: Agalma Brasiliense, 1991.
- ELIA, L. - (1995) *Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- _____ (2003) “A Clínica da Pesquisa em psicanálise – o dispositivo psicanalítico ampliado com crianças autistas e psicóticas”
- FREIRE, A. B., WHEATLEY, L. & COSTA, R. (2003) “Autismo – o sujeito e o Outro. Algumas considerações”. *In Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*, PINHEIRO, T. (org). Rio de Janeiro: Contra capa Livraria, 2003, pp 125-136.
- FREUD, S. - (1924[1923]) “Neurose e Psicose”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1924) “A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1950 [1895]) “Projeto para uma psicologia”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

- _____ (1893 [1888-1893]) “Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”. *In Obras Psicológicas Completas*, Vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1905) “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1910) “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1980
- _____ (1915) “O Inconsciente”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980
- _____ (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1915) “Os instintos e suas vicissitudes”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1923) “O ego e o id”. *In Obras Psicológicas Completas* vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- KANNER, L. - (1941) “Os distúrbios autísticos do contato afetivo”. *In Autismos*, ROCHA, P. S. (org.) São Paulo: Escuta, 1997, pp 111- 170.
- LACAN, J. - (1949) “O estágio do espelho como formador da função do eu”. *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____ (1953) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____ (1953-4) *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.
- _____ (1954-1955) *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____ (1955-6) *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.
- _____ (1955-56) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____ (1960) “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1959-1960) *O Seminário Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____ (1962-3) *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

_____ (1964). *O Seminário: Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1965-66) “A Ciência e a Verdade” *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1975) “Conferência em Genebra sobre o Sintoma”. *In Lê Bloc-Notes de la psychanalyse, no. 5*, 1985, traduzido por Mario Almeida e Ana Lydia Santiago.

MAUPASSANT, G. (1885) “Carta de um louco”. *In Contos Fantásticos – O Horla & Outras Histórias*. Porto Alegre:L&PM, 1997, pp 54-62.

_____ (1887) “O Horla”. *In Contos Fantásticos – O Horla & Outras Histórias*. Porto Alegre:L&PM, 1997, pp 85-120.

MILLER, J. A. - (1986) “Algumas reflexões sobre o fenômeno psicossomático”. *In Psicossomática e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1990, pp 87-97.

_____ (1999) “Biologia lacaniana e acontecimentos de Corpo”. *In Opção Lacaniana no. 41*, 2004, pp 7-67.

NASIO, J. D. - (1993) *Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

NOMINÉ, B. - (1999) “A Questão do sintoma e a problemática no autismo”. *In Autismo e esquizofrenia da clínica da Esquize*. ALBERTI, S. (org). Marca d'Água Livraria e Editora, 1999, pp 233-243.

QUINET, A. - (1990) *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____ (2004) “Incorporação, Extrusão e Somação: Comentário sobre o texto ‘Radiofonia’”. *In Retorno do Exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*, Alberti, S. e Ribeiro, M. A. C. (org), Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004, pp 59-70.

SOLER, C. - (1982) “Autisme et paranoia”. *In Feuilletts du Courtil*, n.2. Bruxelas, 1990, pp.1-15.

_____ (1983) “El Cuerpo em la Enseñanza de Jacques Lacan”. *In Estudios de Psicomatica vol 1*, Buenos Aires: Actuel-Cap, 1994, pp 93-114.

_____ (1990) “Fora do Discurso: autismo e paranóia”, artigo original Hors discours: autism et paranoia, in *Les feuillets psychanalytiques du courtil 2*. Bruxelas, 1990, tradução Oscar Cirino, BH, 1992.

ZENONI, A. - (1991) “Traitement de l’Autre” In *Preliminaire*, no.3, Bruxelas, pp.101-12.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)